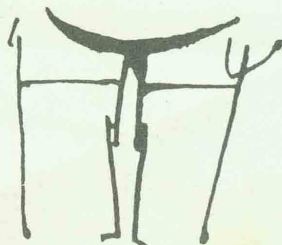
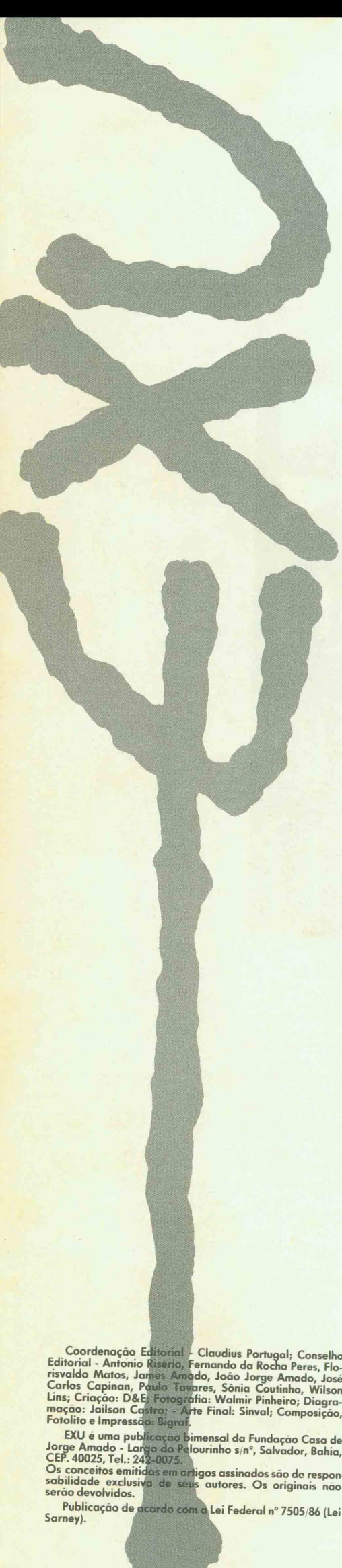


FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO
novembro/dezembro 1987

1





Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá dos mais importantes na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelentô, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e

cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.



Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

JORGE AMADO

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos - guia de ruas e mistérios")

Capa: EXU de Carybé

4

BRÁULIO DE ABREU
- entrevista

9

IVIA ALVES - uma
breve notícia sobre
Samba

10

ANGEL AUGIER

12

HÉLIO PÓLVORA

16

MANUEL LOPES

17

JORGE BARBOSA

18

JORGE AMADO

20

JOSÉ CARLOS
CAPINAN

21

GRAMIRO DE
MATOS

27

SONIA COUTINHO

28

FRANCIS COMBE

32

Se For de Paz Pode
Entrar

33

ZÉLIA GATTAI

34

Bio-bibliografia de
Jorge Amado

35

PALITO

36

Registro

Poster

Monotipia de
Calasans Neto.

Texto: Claudius Portugal

Coordenação Editorial - Claudius Portugal; Conselho Editorial - Antonio Riserio, Fernando da Rocha Peres, Florisvaldo Matos, James Amado, João Jorge Amado, José Carlos Capinan, Paulo Tavares, Sônia Coutinho, Wilson Lins; Criação: D&E Fotografia; Walmir Pinheiro; Diagramação: Jailson Castro; - Arte Final: Sinval; Composição, Fotolito e Impressão: Bigraf.

EXU é uma publicação bimensal da Fundação Casa de Jorge Amado - Largo do Pelourinho s/n°, Salvador, Bahia, CEP. 40025, Tel.: 242-0075.

Os conceitos emitidos em artigos assinados são da responsabilidade exclusiva de seus autores. Os originais não serão devolvidos.

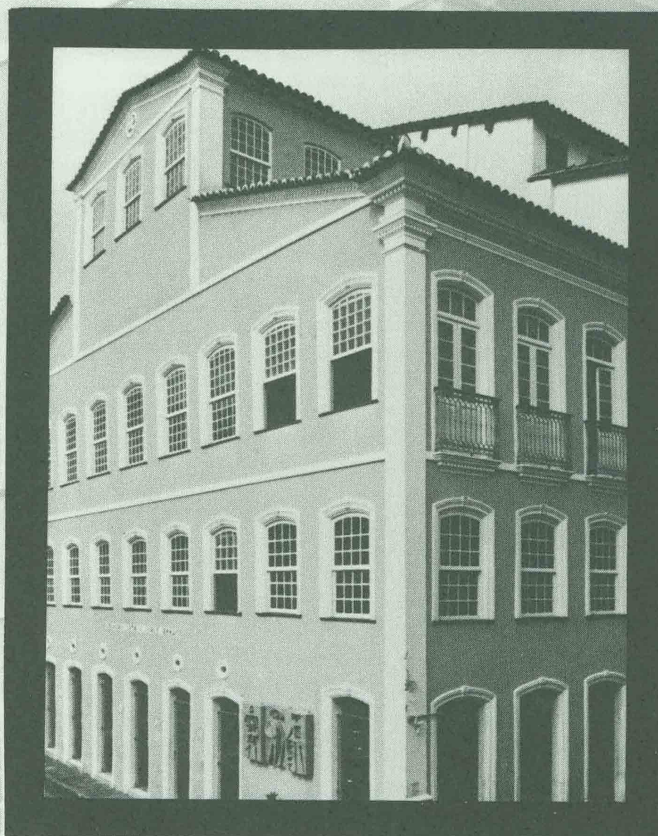
Publicação de acordo com a Lei Federal nº 7505/86 (Lei Sarney).

Correspondentes - Adalmir da Cunha Miranda, José Paulo Paes, Ricardo Ramos (São Paulo), Afrânio Coutinho, Antonio Torres, Eduardo Portella, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito, Rubem Braga, Bella Jozef (Rio de Janeiro), Paloma Amado Costa (Brasília), Nadia Gotlieb, Oswaldo França Júnior, (Minas Gerais), João de Jesus Paes Laureiro (Pará), Marcus Aeyoli (Pernambuco), Sérgio de Castro Pinto (Parai- ba), Janaina Amado (Goiás), Antonio Holhefeldt, Armindo Trevisan,

Danilo Ucha (Rio Grande do Sul), Haydée Jofre Barroso, José Maria Paolantino (Argentina), Isabel Allende (Venezuela), Gustavo Bustamante (Colômbia), Miguel Bustos Cerecedo (México), Gregory Rabassa, John Dwyer, Nancy Baden, Richard O'Connor, Tomas Colchie (Estados Unidos), Alice Rayard, Francis Combes, Jean Orecchioni, René Depesire (França),

Dario Puccini, Luciana Stegano- picchia (Itália), Alvaro Salema, Fernando de Assis Pacheco, José

Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz Trigueiros, Nuno Lima de Carvalho (Portugal), Xela Arias (Espanha), Antonio Olinto (Inglaterra), Theodor Papoff (Bulgária), Pavla Lidmilova (Tchecoslováquia), Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kalugum, Vera Kuteichicova (URSS), Jorge Alfama (Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola), Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).



FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

Presidente - Germano Tabacof - Diretor Executivo - Myriam Fraga - Conselho Curador - Alfredo Machado, Antonio Celestino, Calasans Neto, Carlos Coqueijo, Carlos Fraga, Carybé, Germano Tabacof, James Amado, João Jorge Amado, Joelson Amado, Mirabeau Sampaio, Paloma Amado Costa, Paulo Tavares, Zélia Gattai Amado, Zitelman de Oliva.

Conselho Fiscal - Ernesto Widmer, Floriano Teixeira, Jorge Lins Freire, Lafayette Pondé Filho, Renato Antonio Martins.

Mantenedores - Construtora Norberto Odebrecht S.A.; Banco Econômico S.A.; Companhia Brasileira de Alumínio - Grupo Votorantim; Consórcio Andrade Mendonça Suarez; Dmeval da Costa Chaves Cia Ltda.; Editora Record; Fundação Cultural Nestlé; Nacional Iguatemi Empreendimentos S.A.; Transguarda; Nitrocarbono; Construtora Mendes Junior; Sindicato da Indústria Petroquímica e Resinas Sintéticas no Estado da Bahia - SINPER; Jean Luc Lagardère.

Entidades Conveniadas - Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Secretaria de Cultura - Fundação Cultural do Estado da Bahia.

EDITORIAL

EXU ESTÁ SOLTA NA RUA. BEM AO FEITIO E JEITO DO RECADO, UM PÉ AQUI, OUTRO NO AVESSE. EXU É PARA ISTO MESMO, PARA SER LEVA E TRAZ. NO FIM TODOS OS CAMINHOS CONDUZEM AO MESMO PONTO - ENCRUZILHADA.

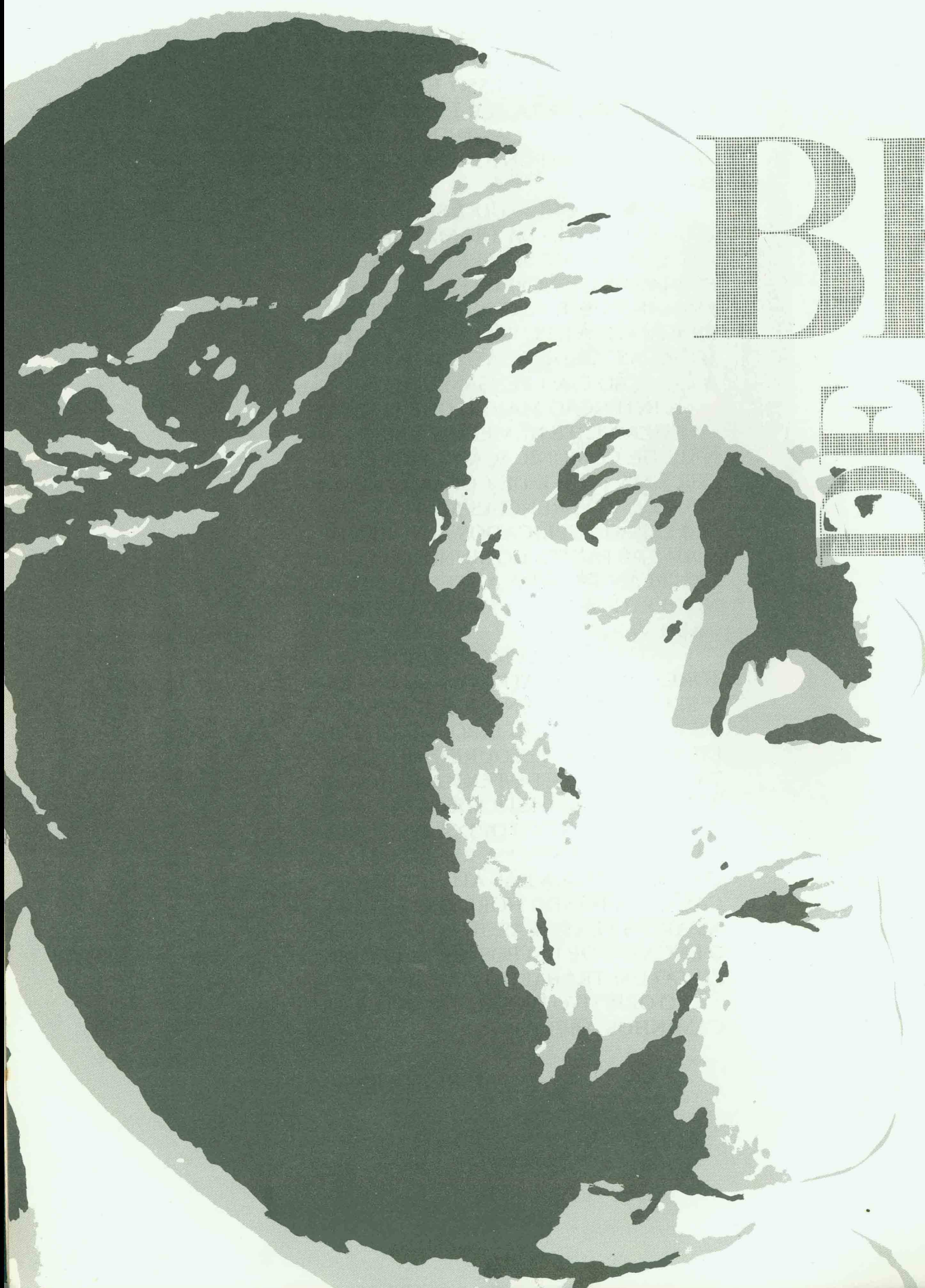
AQUI É QUE TUDO SE EMBARALHA. EXU GOSTA DA TRAMA, MAS TEM UM COMPROMISSO SÉRIO: ATAR AS PONTAS DESTE NOVELO DE MÚTIPLAS LINHAS QUE É A CULTURA BAIANA. PRAGMÁTICA E PLURAL CONVIVE COM TODAS AS TENDÊNCIAS. CAMPO LIVRE À CRIAÇÃO E AO PENSAMENTO.

A INTENÇÃO MAIOR, QUE SE CONCRETIZA NESTE NÚMERO É ABRIR CANAIS DE COMUNICAÇÃO - ESTABELECER UMA PONTE DE CONTATO NUMA TEIA DE REFERÊNCIAS MÚTUAS. ASSIM SERÃO PUBLICADOS AUTORES DE TODAS AS PARTES DO MUNDO EM QUE EXU PLANTOU SUAS ANTENAS: NESTE NÚMERO POETAS DA FRANÇA, CUBA E CABO VERDE.

NO MAIS: DOCUMENTAÇÃO DE AUTORES BAIANOS, ATRAVÉS DE ENTREVISTAS; CONTOS, ENSAIOS E POEMAS DE AUTORES BRASILEIROS; REGISTRO DE ARTISTAS DO PELOURINHO; REPORTAGEM; RESGATE DE TEXTOS DE JORGE AMADO NÃO REGISTRADOS EM LIVRO (O ENTERRO DA IYALORIXÁ FOI PUBLICADO HÁ 30 ANOS NA REVISTA MANCHETE); SÚMULA DAS ATIVIDADES DA CASA; E, ABRINDO HORIZONTES PARA AS ARTES PLÁSTICAS, ILUSTRAÇÕES E O ENCARTE DE UM POSTER REPRODUZINDO UM TRABALHO ORIGINAL.

O OBJETIVO DA EXU É MANTER OS CAMINHOS ABERTOS.

MYRIAM FRAGA



BR
BA

AULIO BREU

Na década de 20, a Bahia teve publicações importantes e renovadoras para a literatura que aqui se fazia. Entre estas, destaca-se a Revista Samba, surgida em 1928, criada por jovens na faixa dos vinte anos de idade e integrada, entre outros, por Alves Ribeiro, Angelo Gomes da Costa, Elpidio Bastos, Nonato Marques, Deocleciano Martins de Oliveira, Otto Bittencourt Sobrinho, Anibal Rocha, Souza Aguiar, Clodoaldo Milton, Raimundo Pena Forte e Bráulio de Abreu.

Através deste último, numa entrevista-depoimento gravada em fita e vídeo, para documentação da literatura baiana pela Fundação Casa de Jorge Amado, com a presença de Myriam Fraga, Valdomiro Santana, Ana Rosa Ramos, João Jorge Amado e Claudius Portugal, Bráulio de Abreu, o decano dos poetas da Bahia aborda a época, a vida e a literatura baiana no início deste século.

Na ladeira do Pelourinho a água descia pelas polidas pedras negras. Uma chuva torrencial desabava sobre a Cidade da Bahia. Do último andar, a equipe entrevistadora estava a postos, uma indagação: será que ele viria com um tempo daqueles? O poeta mora em Itapagipe, é uma pessoa de idade, tem 84 anos... Mas, chegou pontualmente. Às 10 horas. Alegre, jovial, um guarda-chuva nos braços, um livro de poemas nas mãos. Estava inteiramente à vontade. Aceitou um cafezinho e com uma modéstia não de toda desprovida de um certo charme declarou-se encantado de que nós tivéssemos lembrado dele, logo ele, um poeta menor, um fazedor de versos, quando surgiu a primeira pergunta:

Falar sobre mim? Eu tenho a dizer o seguinte: nasci na Rua Direita de Santo Antônio, no Carmo, Centro Histórico de Salvador. Na escola primária não gostava de ser o escolhido para dizer versos em datas institucionais. Dizia à minha professora: eu não gosto disso. Aos dezenove anos, porém, me deu na telha de fazer versos porque meu mestre de alfaiate, um dia, quando contestei alguma coisa, ele me chamou de poeta do diabo, e comecei a fazer estes versos. Não sabia nada de medida, de métrica. Não sabia nada da língua, como não sei hoje, fiz meus primeiros versos e mandei para Cabui Pitanga,

Faz frio. Fim de inverno. É retalhante o frio.
São as seis da manhã, diz o sino da Penha.
Espio, da janela, a rua e o mar. Espio...
Vento avassalador as árvores desgrenha.

Dormir ainda parece o extenso casario.
Um cheiro de café, feito em fogo de lenha
Vem do antigo estaleiro. Em meu quarto sombrio,
Penso na luz do sol que hoje talvez não venha.

Uma fábrica apita. A cerração é forte.
Operários lá vão... Vem a chuva do Norte.
A bonança esperada hoje o céu não promete.

Longe, os barcos estão no Porto dos Tainheiros.
Os fiéis, à velha igreja estão indo, os primeiros.
O padre já passou para a Missa das Sete.

na Revista Malho, do Rio de Janeiro. Entretanto, na mão dele eu sofri. Mandeí um soneto em que misturava os pronomes todos, mal colocados, adjetivava mal. Chamei o vento de travesso, de purpurino. Ele de lá me disse: olha, esse vento vermelho só se o poeta é tintureiro. Levou o negócio assim nessa pândega. Muito bem. Passei por esta experiência, procurei corrigir aqueles erros todos apontados por ele, continuei a fazer meus poemas, e cheguei até aqui. Atravessei meu tempo, fiz meus versos, que estão reunidos no livro "Minha Colheita", que meu filho me fez de presente nos meus oitenta anos, e continuo a fazer minha versalhada. Eu penso que não tem, nem terá, muito valor, apenas os amigos procuram emprestar um valor a esses versos. Mas não tenho, absolutamente, vergonha nenhuma em dizer que sou isso. É esta aí a minha vida de fazedor de versos da província.

I - Quem escolheu o nome Samba, para a revista?

R - Foi Alves Ribeiro, dando um sentido regionalista, e foi dele a apresentação da primeira revista, uma abertura bonita para um menino de dezenove anos naquela época.

I - Foram editados quantos números da Samba?

R - Ah, não sei bem. Samba era uma revista simples, de papel de jornal, feita na banca do café, aqui no Café Progresso, na Baixa dos Sapateiros. Nós nos reuníamos ali, tinha sempre um mecenas, que era o Raimundo Pena Forte, ele fazia a des-

pesa toda, reuníamos as bancas, tomávamos ali nosso cafezinho, comíamos o nosso pão quente da padaria da Montanha, saído às dez horas da noite do forno. Mas foram poucos números.

I - A maioria dos integrantes da revista eram poetas. Havia ficcionista?

R - Sim, eram poetas. Todo mundo era poeta. Ninguém fazia prosa. Nada disso. Era só poesia. Nenhum deles. Depois, o Nonato Marques fez prosa e poesia. Elpidio chegou a publicar um livro de contos. Eu, não. Eu não saí da minha poesia que está aí.

I - Depois do Café Progresso, onde foram as reuniões?

R - Tinha o café Browsers, aqui na Rua da Assembléia. Nós nos reuníamos ali. O Jorge Amado com a turma do sul do Estado ali na Rua Direita do Colégio, no Bahia Bar. Era uma turma grande, tanto que esse menino, o Clodoaldo Milton, um dia ao se desentender com Alves Ribeiro, este passou para o lado de lá. Me convidaram para ir, mas fiquei com os antigos.

I - Qual a ideologia da revista, já que a Arco & Flexa era ligada às tendências do modernismo paulista e os Rebeldes queriam uma literatura social?

R - Nós nunca tivemos uma cor política. Éramos quase indiferentes a esse negócio. Cada um fazia o que queria, mas como grupo reunido para batalhar por um princípio político nunca houve isto. Cada um fazia o que queria fazer. Não tinha esse sentido de aprontar uma forma, um sentido novo na poesia. Absolutamente. Cada um fazia o que gostava de fazer porque a minha poesia foi sempre uma poesia de evasão. Não foi, digamos, uma poesia de participação.

I - O que fica transferido pela história é que o grupo da Samba era de pessoas ligadas ao proletariado, enquanto a Arco & Flexa era da elite. Qual a relação entre os dois grupos?

R - Não existia adversidade. Absolutamente. Apenas cada um cuidava dos seus trabalhos separadamente. Não tínhamos nenhuma ligação. Nós aqui em baixo na Rua Dr. Seabra e o

Chiacchio na Praça Rio Branco. Mas a Samba possuía estudantes como Alves Ribeiro, bacharéis como Almeida Rocha, funcionários públicos. Eu era o operário. O único. O resto eram empregados.

I - O senhor tomou conhecimento da Semana de Arte Moderna em São Paulo?

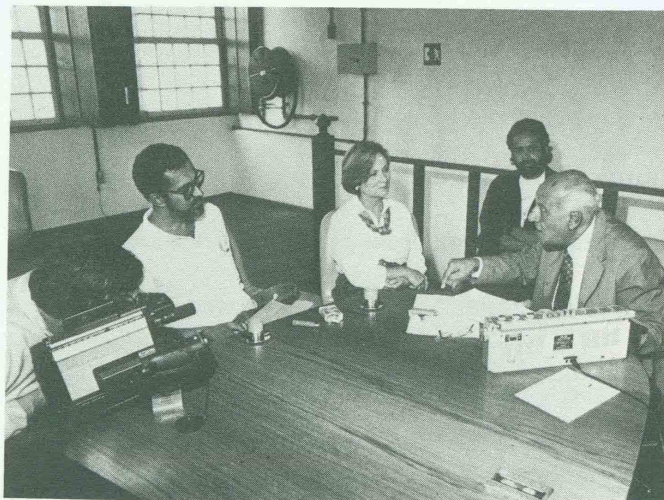
R - Ainda não tinha sentido de tomar conhecimento disto não. Via falar. Mas só. Soubemos muito tempo depois por Mário de Andrade.

I - Qual o significado, então, de Mário de Andrade para a Samba?

R - Para nós, aqui na Bahia, nós viemos a tomar conhecimento de Mário de Andrade muito tempo depois. Mas eu gosto. Todos nós gostávamos, apesar de gostarmos de Monteiro Lobato, que não gostava de Mário. Eles não se suportavam por motivos literários. Ele tinha uma rebeldia interessante.

I - E do Oswald?

R - Não. Nós estávamos mais ligados a uma admiração por Mário. Eu o entendia mais. Mas não culpo o poeta por que eu não o entendo. A culpa é minha, por não ter capacidade de entendê-lo. Às vezes a poesia é muito hermética e a gente não penetra de pronto no que ela quer dizer.



RECOMPENSA

Nunca terá sentido, o alheio sofrimento,
Para quem se deixou ficar enclausurado
De seu mundo na torre, e nem o pensamento
Dirigiu para o irmão, da sorte deserdado.

Nos caminhos da vida, o atroz padecimento
Daquele que perdeu tudo por ele amado,
É vão. Ninguém escuta o seu fundo lamento
Que provém do brutal destino malogrado.

A indiferença é o fruto amargo que os felizes
Deixam amadurar no pomar da amargura,
Para os que têm, na vida, angústia e cicatrizes.

E amanhã, do que fez, a mais real recompensa
É ter no fundo de uma estreita sepultura
Encerrado o esplendor da própria indiferença.

EXALTAÇÃO

Ouçoo um rumor de passos lá por fora...
A noite avança. O luar, hoje, não veio.
Tenho medo de ver a luz da aurora
Sem ter sentido o aroma de teu seio.

Um perfume sutil, de passiflora,
Traz-me o vento noturno. E o meu anseio
Cresce, por ti, cada vez mais, agora,
Neste retiro de silêncio cheio.

Chegas: na cabeceira ainda orvalhada,
Tens o cheiro da fria madrugada
Que despertou, as sombras apagando...

Beijo-te. E sinto, em vibrações frementes,
Selvas, montanhas, vales e vertentes,
Tudo em teu corpo claro, palpitando.

RUÍNAS

Um portão carcomido, uma soleira gasta.
Um velho casarão dorme em completa ruína.
O matagal em torno, uma fonte, a ravina,
E do tempo a presença a que tudo devasta.

Ontem, tudo era belo: a enflorada campina,
Do jasmineiro em flor a ramaria vasta.
Agora, não há vida. O gado já não pasta.
O córrego secou. A solidão domina.

Outrora havia o riso, a paixão, a labuta,
Os brilhantes saraus, amores em segredo,
Face, em pranto, molhada e face, em riso, enxuta.

Hoje, por mais que o olhar no horizonte se estenda,
Só vê ruína, onde havia o trabalho e o folgado:
É morto o casarão dessa antiga fazenda.

 - O que é interessante e parece uma contradição é que embora a Revista Samba tenha surgido na fase do modernismo, vocês se identificavam mais com o parnasianismo, que era um movimento combatido pelos modernistas.

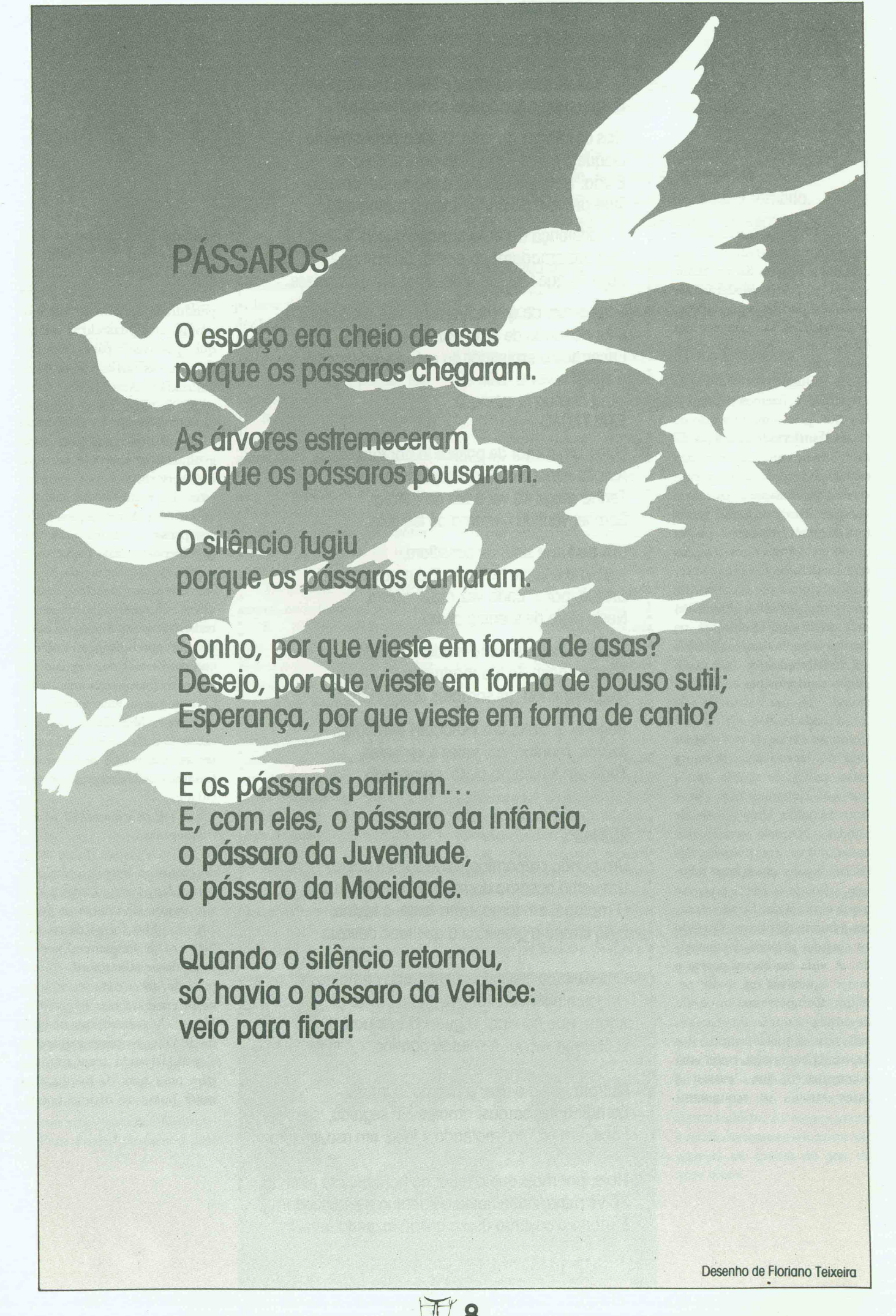
R - Quando veio a poesia moderna, e fizemos a Samba, fizemos quase uma profissão de fé nos transferindo para a poesia do momento que é a poesia que está aí até hoje. Embora com certas modificações, passamos então a escrever os nossos versos fora da escola parnasiana, publicando em jornais e revistas. Eu tive a satisfação de ver na Noite, do Rio, num rodapé, ao lado de um poema de Manuel Bandeira, uns versos que publiquei na Samba naquela ocasião. Medeiros de Albuquerque disse que o nosso modernismo era intencional.

A cidade naquela época? Como se vivia? Nós vivíamos aqui na dependência de muita coisa, porém de acordo com o que nós tínhamos para dar e tirar da vida. Uma cidade de bondes. Naquele tempo não havia ônibus, eram bondes elétricos, bondes ainda com reboque, o bonde da frente puxando o que vinha atrás. Eu não alcancei o bonde de burros. Quando eu cheguei já havia desaparecido. A vida era barata porém o poder aquisitivo era quase nenhum. Comprávamos um quilo de carne por setecentos réis - era mil réis naquele tempo -, e depois da hora exata, tinha uma determinação que "passou a carne virou", os açougueiros

vendiam por quatrocentos réis. Aqui na Rua Dr. Seabra, na Baixa dos Sapateiros, era cheia de açougues. A carne ficava pendurada do lado de fora e os açougueiros puxando as pessoas que passavam para comprar, para que as carnes não ficassem enfuzadas. Assim, nós vivíamos. Eu fazia meus trabalhos durante o tempo do dia, descia a tardinha correndo para pegar a alfaiataria aberta e entregar meu serviço, que era de empreitada. Eu tinha de fazer aquela quantidade de calças para poder compensar a minha manutenção. Depois voltava para casa, ia jantar, depois vinha para encontrar a turma e continuar não o que fiz durante o dia que era o trabalho de operário. A noite era da aprendizagem com os companheiros no negócio do verso, da poesia, essa coisa toda. Quanto a uma vida boêmia, nós tínhamos. Mas ela era ficar até tarde no café, sair a passeio, correr as ruas todas, de sorte que fazíamos uma peregrinação pela cidade.

 - E os cabarés? O senhor frequentava?

R - De raspão. Jorge Amado cita num livro seu, faz uma brincadeira comigo, mas aquilo não passou de criação de Jorge Amado. Mas foi só de raspão. Não era de frequentar, porque tinha de trabalhar muito durante o dia, fazer meu serviço, e a noite era para essa folgazinha. Mas só chegava em casa no bonde de vinte e quatro e quarenta e sete, faltando treze minutos para uma hora da manhã. Era nessa hora, no último bonde.



PÁSSAROS

O espaço era cheio de asas
porque os pássaros chegaram.

As árvores estremeceram
porque os pássaros pousaram.

O silêncio fugiu
porque os pássaros cantaram.

Sonho, por que vieste em forma de asas?
Desejo, por que vieste em forma de pouso sutil;
Esperança, por que vieste em forma de canto?

E os pássaros partiram...
E, com eles, o pássaro da Infância,
o pássaro da Juventude,
o pássaro da Mocidade.

Quando o silêncio retornou,
só havia o pássaro da Velhice:
veio para ficar!

Desenho de Floriano Teixeira

Lá em casa não tinha luz elétrica, tinha um gato que dormia nos pés do sofá comigo, defronte tinha a máquina de costura, e eu abria, botava ali a gramática histórica de Carneiro Ribeiro, para aprender alguma coisa e melhorar minha situação. Era preciso que eu aprendesse um pouco. Depois, me deitava, para que quando o primeiro bonde passasse, às quatro da manhã, estar de pé para começar a tarefa do dia. Era assim a minha vida de rapaz. Não tive tempo para ir a ginásio, para ir a coisa nenhuma, porque quando eu abri os olhos para a vida já encontrei mãe, avó, bisavó e irmãos para eu tomar conta, pois meu pai morreu cedo.

MF- E o ofício de alfaiate?

R - Bom, aos quatorze anos, minha família achou que eu devia ser alfaiate. Fui trabalhar e aprender o ofício aqui na alfaiataria Oseas, na Rua dos Cobertos, naquele tempo o nome que tinha era esse, Cobertos do Meio. Então, aprendi aí, empregado a um oficial, o ofício de alfaiate. Depois, já sabendo um pouco, passei a ser calceiro, me especializei em fazer calças para a alfaiataria Villaça. Fazia minhas calças durante o dia, e a noite, depois de comer a minha feijoada, que eu não deixava de comer à noite, vinha me encontrar com a turma no Café Progresso, aqui na Rua Dr. Seabra.

MF- O Senhor morava em que bairro?

R - Na Estrada da Rainha. Fim de linha do Bonde de Soledade. Ele saía daqui da Praça Rio Branco, descia a Ladeira da Praça, seguia por aí a fora, até lá. Eu morava ali na Avenida Mateus Monteiro de Carvalho, um português que era dono de muitas casas. Morava numa destas casinhas dele.

MF- Quanto tempo levou na profissão de alfaiate?

R - Eu trabalhei muitos

Não posso deixar passar o momento e não falar de uma revista, que poucos tiveram acesso e que foi a iniciação de alguns escritores baianos, inclusive Braúlio de Abreu. Abordaremos superficialmente o momento literário e boêmio dos finais da década de vinte, quando jovens de 18 a 21 anos se reuniam em torno dos cafés da cidade (e dentre muitos citaremos o Café Progresso e o Café das Meninas) no final da tarde ou à noite, para trocar idéias literárias, nos anos de 1928 e 1929, quando saem, quase simultaneamente, as duas revistas que evidenciam as repercussões das influências modernistas do sul do país, Arco & Flecha (com 5 números) e Samba (4 números), sentimos a efervescência do momento e a força polarizadora de alguns intelectuais sobre os jovens baianos: Carlos Chiacchio e Pinheiro Viegas. Este o criador e fundador da Academia dos Rebeldes, - que se caracterizava por uma postura de fechamento ante as inovações iconoclastas do modernismo do sul, e das orientações do grupo de Chiacchio.

Os jovens em torno de Pinheiro Viegas eram de formação bem heterogênea, saindo das discussões dois grupos de tendências diversas. Um deles, chamados carinhosamente por Nonato Marques de "poetas da Baixinha", eram jovens que aquela altura já trabalhavam. Suas discussões se davam no Café Progresso, no Pelourinho, daí o epíteto. Eles se organizaram em torno de J. M. de Brito Filho, o guarda 85, um autodidata de muitos conhecimentos literários. O grupo integrado por Antonio Brandão, Elpídio Bastos, Zaluar de Carvalho, Braúlio de Abreu, Otto Bittencourt Sobrinho, Clodoaldo Milton, Campos Ribeiro, Anfilóbio Brito, Nonato Marques, Anibal Rocha, Ribeiro Alves, da Silva Garcia, e outros, trocavam informações e livros, principalmente as novidades francesas e de língua espanhola, sem no entanto se afastar da sua formação clássica e finissecular. Não se pode esquecer que ainda neste momento repercutiam na Bahia os ecos das polémicas, a mais famosa delas a de Rui e Carneiro Ribeiro. Travavam-se ainda discussões sobre a língua portuguesa, sobre a forma da poesia.

Os fundadores de Samba dentro desse cadinho discutem e tomam contato com as inovações, daí o nome da revista e a proibição de receber trabalhos na forma de sonetos (n. 3, fevereiro de 1929). A base de seu "modernismo" ou atualidade seria objetivada por Alves Ribeiro, caracterizador da idéia e de mais vasto conhecimento entre os jovens, no artigo manifesto do n. 1 (novembro de 1928) quando afirma: "A arte moderna procura, acima de tudo, a alegria. Daí a nota de jovialidade e humorismo que a caracterizava..." E bem dentro do espírito da época, "A tristeza de nossa gente nada tem de visceral... Somos um povo moço e forte. Vivemos num país onde tudo é imenso e maravilhoso. Vejamos como é ridículo o pranto em olhos de gigantes!..."

E mais adiante, finalizando: "A arte moderna deve ser, pois, uma arte de rejuvenescimento. Viva a alegria! Viva o samba!" Com tais posições, estes jovens servem de elo entre a literatura finissecular tristonha e patriótica e o fazer literatura na Bahia naquela década de vinte, tentativa de integração moderada no quadro literário brasileiro.

Apesar das incursões no verso livre, o grupo permanece basicamente conservador, deixando à margem não só as idéias demolidoras do modernismo paulista como a passagem de Marinetti pela Bahia. Substancialmente ignorado pelos contemporâneos que se reuniam sob a tutela de Chiacchio, como também como grupo, este resistiu às grandes propostas e permaneceram fiéis ao legado finissecular.

Passada a fase iconoclasta dos momentos iniciais de ruptura, podemos perceber que os escritores que persistiram no caminho literário inserem-se em um momento maior e posterior. É o caso de Braúlio de Abreu, autodidata, que mantém um lirismo equilibrado e expressivo, e é representante dessas forças conflitantes que compõem a Bahia.

anos como alfaiate. Vinte e tantos anos. Depois fui ser funcionário público, onde me aposentei compulsoriamente aos setenta e dois anos. Entre um e outro fui fiscal de cinema, fazia o borderô, levava a renda para o distribuidor, e também fiz revisão no convento de São Francisco para a Revista Amigos da Infância e uma outra revista que eles tinham. Passei nove meses aí.

MF- Segundo consta o senhor teve uma atuação política, sendo até integrante do Partido Comunista. Como foi esta sua participação?

R - Eu nunca me filiei não. Eu sempre agi assim por fora. Tomava parte em algumas coisas, saía, viajava um pouco fazendo determinadas coisas, porém nunca fui filiado. O que fui foi delegado eleitor do meu sindicato, o dos alfaiates, e bem naquela época em que justamente chegou o Plínio Salgado aqui. Mas a polícia acabou com este negócio porque fizemos uma reunião pró-sindicalização e ela não consentiu. Tivemos ocasião mesmo de instalar uma sede aqui no Taboão.

MF- A sua poesia não sentiu reflexo dessa sua identificação com a esquerda?

R - Não. A minha poesia foi sempre uma poesia de cúpula, uma poesia de torre, lírica, romântica.

MF- Quais as suas leituras e influências para escrever aos dezenove anos?

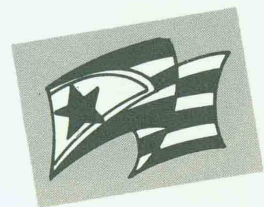
R - Eu gostava de ler Balzac. Gostava de ler os poetas e romancistas brasileiros. Machado de Assis. Bilac. Este é meu poeta de cabeceira.

MF- Significa que o senhor é um poeta mais parnasiano que modernista?

R - Mais parnasiano, sem dúvida. Meu verso é fácil, é medido. Gosto mesmo da forma, de cuidar dela com um certo carinho, fazer como eu posso fazer.

IVIA ALVES

Angel



PARA UN ELOGIO DEL AGUA

1

*Sustancia hecha de sueño
que siento y toco y me penetra,
que me envuelve y me huye,
sueño jamás asido,
ya líquido cristal
que tengo y se escapa entre mis dedos
y me impregna y se fuga
transparente en el aire.*

2

*¿ Desde qué lejanía
supiste detenerte en el espacio,
en el camino exacto de la luz fugitiva,
para inventar el arcoiris,
flor cósmica suspensa con que anuncias tu
nombre?*

*Fue preciso encontrarte
de codos a tu imagen donde apenas perduras,
para saber que llenas todo de tu presencia,
para saber que viajas pero que permaneces,
para saber que vienes desde lo más profundo
y que hasta lo más alto tu presencia se crece;
para saber que fluyes y te esparces y cantas
y que jamás se agota tu impulso amanecido.*

*Para saber que acudes a la sed con tu gracia
y a lustrar cada día para que el sol más brille...*

3

*Agua de la mañana,
para mi sed naciste
limpia, exacta, desnuda,
y mi sed te persigue
con su esperanza muda.
Agua de la mañana
para mi sed sonámbula
cálida de ternura.*

4

*El agua con sus ojos,
con sus ojos que miran desde dentro
con su líquida luz humedecida
del exacto color de lo que miran:
ojos color del aire,
del árbol o del viento,
del color de la nube o del color del mar
con su fija mirada detenida en el cielo,
donde el recuerdo subterráneo resplandece en
silencio.*

5

*El agua de la noche
es color de la sombra,
y la sombra se alarga con el agua*



Augier

*como minutos sorprendidos
en una noche extraña en que los ojos,
las manos, las pisadas,
buscaban una tumba,
una tumba extraviada entre las sombras,
fundida ya al silencio
de una ciudad de tumbas vivientes en la noche
y del color ya oscuro
del agua de la noche.*

6

*Cuando vienes de dentro
floreces en la lágrima,
en algún mediodía
saturado de música.*

*Cuando vas a la luz
te conviertes en río,
el movable cristal
que refleja la altura
y las vibrantes cañas
heridas de recuerdos
y las nubes viajeras
donde tu sueño late.*

*Si disuelve la lágrima
su congoja en el río,
quedará una canción
temblando en los bambúes*

*llenos de cicatrices,
mientras la luz se agita
en la clara alegría
de unas piernas mojadas.*

*Si vas hacia la noche
- oh negras aguas locas -
batirás el silencio,
la agazapada sombra,
de algún puerto nocturno.*

7

*Cando el agua levanta las prestañas
para dejar su nombre suspendido,
hay en la luz um húmedo latido
y un resonar de músicas extrañas.*

*Generosa enemiga del olvido,
al regreso de cósmicas hazañas
desciende de la tierra a las entrañas
y vuelve pura tal como había ido.*

*Pura en el sueño, en el espacio pura,
su pureza en la lágrima fulgura
y en la mar, en la lluvia, en el rocío.*

*¡ Poder fundirse a su existencia clara
en cada gota luminosa, para
esplender en la nube y cantar en el río!*

Angel Augier é cubano. Publicou "Nicolas Guillen, Notas para un estudio biográfico-crítico"; "Cuba y Rubén Darío"; "Poemas en la Revolución"; "Isla en el tacto".

HÉLIO PÓLVORA

A Jorge Medauar



A quem lhe pergunta,
Natália diz como conheceu Chico. Põe o indicador da mão esquerda na têmpora, em sinal de reflexão e procura a data certa. Mas a data lhe escapa, ela sabe apenas, com certeza, que foi depois que enviuvou. Claro, depois. Não ia olhar para outro homem tendo um certo ao seu lado, um que lhe desse comida e com ela repartisse o nome, as tristezas e alegrias da vida.

Natália enviuvou sem filhos porque o seu menino, já rapazinho, faleceu num desastre, quando o ônibus em que ia saiu da estrada e despencou por uma ribanceira. Morreu afogado. Natália não quis ver o corpo. Sabia que o corpo estaria inchado, deformado, talvez roído por peixes - e não queria de maneira alguma ver aquela monstruosidade. Ficou em casa chorando manso. O marido é que providenciou tudo, quase não houve velório. O filho no caixão barato de tábuas de pinho chegou diretamente para o cemitério. Em cima do caixão fechado, Natália, que já havia chorado todas as suas lágrimas possíveis, não conseguiu arrancar outras. Sentia-se vazia e inútil qual rio seco. Acompanhou o enterro, viu o filho baixar ao fundo da terra e voltou em silêncio com o marido para casa.

Desde então Natália, que parecia um passarinho, ficou mais quieta, quase socada dentro de si mesma. Não mudou de repente. A mudança se fez aos poucos. Ela foi perdendo aquela ligeireza de pássaro, aquela miudeza de passarinho, aquele jeito de pisar de leve, tão de leve e ligeiro como se saltasse de um pé para o outro. Os olhos deixaram de bulir muito, era como se os canários, todos os canários de uma casa, houvessem emudecido de súbito. Natália deslislava pela casa que se tornara grande sem a presença ruidosa do filho homem. O marido, habituado à leve inquietação da mulher, à sua determinação de falar pelos dois, de manter conversas imaginárias à base de perguntas e respostas que ela mesma enunciava, deu para se ausentar de casa, buscava na rua o aconchego da cerveja no bar, do jornal lido e relido no balcão da venda, do dominó jogado à esquina. Morreu sentado num banco, de um ataque no peito, e Natália recebeu, não só a notícia como o próprio cadáver que confirmava a notícia, com uma certa calma, uma certa resignação, como se já houvesse chorado antes, discutido com o marido o dia e a hora de sua morte e aguardasse apenas que os vizinhos, os amigos dos bares e das rodadas de dominó, lhe invadissem a casa trazendo aquele fardo imóvel. Dessa vez fizeram velório, o defunto ficou exposto à visitação toda a comprida noite, na sala. Sentadas em redor, as pessoas conversavam e bebiam aguardente. Ajudada por umas amigas, Natália fritou pedaços de carne.

Enterrados os dois homens, recolhidos a um fundo de gaveta os poucos pertences, as lembranças pessoais, Natália ficou sozinha. Uma prima quis ir morar com ela, "para fazer companhia", como disse. Recusou com delicadeza. Alguns homens da vizinhança, vendo aquela mulher já um tanto sovada porém com a vantagem da casa própria, arrumadinha e de temperamento dócil de criança bem comportada, quiseram se insinuar. Natália cortou logo as investidas, fingiu não ouvir as insinuações, indignou-se com o assédio franco e direto.

Essa mulher morreu para o mundo, pensavam eles, justificando o fracasso do cerco. Essa mulher deixou de amar e, daqui por diante, será mais





uma alma penada do que uma pessoa com desejos e ansiedades às vezes loucas. Natália até que não desgostava da nova vida. Acordava cedo, preparava o seu café e ia para a missa das sete. Voltava para providenciar o almoço, sem pressa, indo ao quintal várias vezes para cortar uns talos de cebolinha, tirar um ou dois chuchus, pegar tomates e folhas de alface. Cuidava da horta pela manhã, nos dias em que não ia à igreja. Enquanto o fogo prosseguia no seu cioso mister de cozer os alimentos, Natália se divertia com os pássaros, que eram muitos agora. Ela os havia atraído com muito jeito. Jogava miolo de pão no cimento e se escondia atrás da porta. Os passarinhos, dos quais só conhecia de nome as lavadeiras, desciam do muro e dos ramos de uma graxa. A princípio bicavam e voavam logo com o miolo de pão para comer longe. Mais tarde perderam o receio, comiam ali mesmo, no chão, saltitantes. Três deles passaram a dormir num caqueiro suspenso. Dois, certamente um casal, bem defronte à janela de Natália, que de noite, com insônia, se levantava às vezes para olhar o caqueiro e distinguir os pequenos vultos brancos - dois bolos de penas quietos no frágil talo. O outro, quem sabe um macho solitário, dormia num caqueiro mais afastado, junto à porta. Natália era acordada bem cedo pelos pios dos pássaros, que no verão longo faziam algazarra, piando muito, principalmente quando se perseguiam pelo chão do quintal, em cima do muro ou faziam ninhos no beiral. Sujavam a pequena varanda. Entre os afazeres da Natália estava o de limpar os excrementos esbranquiçados dos seus passarinhos, o que ela fazia com boa vontade, às vezes com a cumplicidade de um sorriso travesso.

Então um dia Natália suspendeu a vista e viu Chico à janela.

Natália ocupava as tardes costurando numa velha porém conservada máquina Singer. A pensão do falecido era pequena, não dava para muito. Felizmente a casa estava toda paga, a viúva não devia um cruzado a ninguém. Como comia pouco, sem luxos, e se vestia com modéstia apesar de muito asseio, ia juntando no banco o dinheiro das costuras. Pedalando na máquina, inclinada para um lado, os dedos repuxando o tecido por onde avançava a agulha, Natália parecia uma enorme ave torta, de asa estirada para o chão - talvez uma ave de rapina, dessas que atacam para desventrar. Logo ela, que não fazia mal a ninguém. E naquela posição, como se estivesse a recolher forças para voar, levantou os olhos e avistou Chico à janela.

Não se alarmou. Ergueu os olhos como se fizesse uma verificação de rotina. Levantou a vista como se certa de antemão do que iria ver. A falta do espanto do seu rosto, naquele momento, dava a entender que ela e Chico talvez houvessem combinado a cena, ajustando de tal modo os seus gestos que, assim que um, à máquina de costura, levantasse os olhos, o outro estivesse ali à janela, de rosto inteiro.

Um rosto, aliás, ainda por barbear, redondo como uma lua cheia, uma dessas luas amarelas que pareciam pústulas e que Natália avistava pela janela aberta. Chico, pois era o vendeiro perto da esquina, havia parado à janela e, aproveitando o desnível da casa de Natália em relação à calçada, olhava para

dentro, em silêncio. Pelo jeito, não queria falar ou sentia que as palavras, mesmo para um simples cumprimento de boa-tarde, soariam falsas. "Ele dá a impressão de que veio para me ver", pensou Natália. "Isso mesmo, o vendeiro não ia perder tempo, em pleno dia, não ia largar a venda sozinha para passear pela rua a esmo. Ele veio me ver". Natália decidiu enxotá-lo. E com a mesma calma com que avistou o homem, com a mesma falta total de surpresa ou estardalhaço, pronunciou como se estivessem a retomar um diálogo interrompido:

- Vá embora, ande.

Se houve surpresa, essa foi de Chico. Seu rosto espetado de fios brancos, aparentemente duros como cerdas, e que estava prestes a desabrochar num meio sorriso, fechou-se qual flor que se recolhe para passar a noite. Atarantado, levou uma mão ao rosto, coçou a barba.

Depois daquela ordem ditada em voz calma, regular, mas, ainda

assim, ou principalmente assim, uma ordem, Natália não ergueu mais a vista. Pedalou na máquina, repuxou o pano, espetou a boca de alfinetes, enviou os olhos e adernou o corpo como das outras vezes, como se o seu ato de costurar fosse um conluio entre ela, a casa e a máquina, sem testemunhas, sem caras a espioná-la pela janela. De modo que, ao dar por finda a tarefa, baixar a máquina, fechar a tampa e se levantar para distender o corpo, olhou para a janela e pela janela com certeza antecipada de que por ali veria apenas um trecho de rua, um pedaço da tarde então agonizante.

Naquela noite sonhou que Chico lhe trazia um presente oculto atrás das costas. Natália tinha o vago pressentimento de que eram flores, um pequeno ramo de bogaris, mas quando ele pôs o presente nas mãos de Natália, era um sapo. Natália recuou com um grito de susto, o sapo saltou e desapareceu no lodo da noite. O sonho esfumou-se, Natália viu-se acordada, com as mãos ardendo. Estavam vermelhas. O corpo lhe dóia no baixo-ventre.

No outro dia, começou seu verdadeiro desassossego. Costurar, para ela, parecia agora ato consciente, deliberado. Costurava com a certeza do que fazia, sentindo os tropeços da máquina, a dor nas pernas, as picadas dos alfinetes nos alinhavos a mão. E sabia que, se levantasse os olhos, a janela aberta para o oco da tarde e do mundo estaria emoldurando a cara de Chico.

Sim, ele mesmo. Pelo menos tivera a consideração de se barbear. A carne despontava azulada nas maçãs do rosto e no queixo, e Natália comparava-a a certos pesos de carne mal conservada. Um azul desbotado de louça fina. Olhou melhor as feições do homem. Cabelos crespos, alourados, uma calvície que prolongava o recurvo da testa, o rosto mais para redondo do que para alongado. Queixo pequeno. "Queixo de pessoa fraca, sem personalidade", pensou Natália, que recolhia tais observações da leitura de revistas populares. Lábios grossos, "lábios de negro, ai que repelência".

Chico olhava-a sem nada dizer. Parecia satisfeito, não precisava falar. Tinha nos olhos uma expressão doce, entre submissa e prazenteira.

- Vá embora, ande - disse Natália

Chico sorriu - e, sorrindo, assemelhou-se a um querubim adulto e avelhantado, um querubim de rosto curtido pelo tempo.

Natália sentia agora o peso do olhar dele, a certeza da presença ali do homem imóvel, estranho cortejador que não se atrevia a entrar, não resolvia partir. A rua inteira já estaria a mexericar. "Sabe, minha filha? Chico vendeiro está de namoro com a viúva". "O quê? Com a Natália? Mulher, eu não acredito. Aquela ali é séria demais, vai guardar o resto que tem para os vermes". Natália zangou-se. Era-lhe muito raro entrar na venda para comprar um tubo de linha, um quilo de açúcar. Preferia a feira onde escolhia à vontade e pagava menos. Detestava bares, vendas, lugares públicos frequentados por homens destemperados e mulheres de mau proceder. Jamais dera a Chico a oportunidade de um pensamento maldoso. E então? Por que ele lhe aparecia agora à janela, como um espantalho, parado ali que nem um besta, um bobalhão, um maluco? Natália levantou a vista do bordado, encarou Chico.



- Nunca me viu?

Chico congelou o sorriso, pelo seu rosto passou uma sombra de perplexidade. Mas os olhos, que eram graúdos e pareciam boiar nas dobras da pele, envolveram novamente Natália num palor morno. E Chico riu.

Foi um riso repentino, desmotivado - uma pequena cascata. "Que homem mais bobo", pensou Natália. Chico costumava sublinhar ou pingar um ponto final no que dizia com um riso abrupto, que encurtava ou diminuía segundo a importância por ele atribuída à sua frase ou à graça que ela poderia conter. Era um riso nervoso, que desculpava Chico e que pretendia ser mais expressivo, em certas circunstâncias, do que ele próprio. Suas risadas eram identificadas na rua, dele faziam um tipo popular, simpático. Todos lhe queriam bem.

A risada atraíu alguns curiosos. Juntaram-se meninos e duas mulheres em frente à janela. Um homem que ia passando diminuiu o passo, espiou com maldade.

- Vá embora - gritou Natália.

As mãos amarfanharam o pano, arrancaram-no da máquina. Natália bateu os punhos no tampo da máquina, numa explosão de raiva que vinha guardando há tempos, desde a morte do filho, desde o desaparecimento do marido. "Estou histérica", pensou assustada. E continuou, em pensamento, a falar consigo mesma: "Mas o que é isso, Natália? Você tão controlada, tão firme, estoura assim dessa maneira. Onde já se viu mulher? O homem não lhe fez nada, não lhe ofendeu. É um homem esquisito, está certo, mas não buliu com você". Natália estirou os braços sobre o tampo da máquina e neles descansou o rosto, soluçando.

- Não chore, Natália - disse a voz de Chico ao seu lado.

Havia entrado, sem convite, e agora não sabia o que fazer. A voz revelava todo o seu embaraço.

Natália estremeceu, aos soluços.

- Não chore mais, está bem? - suplicou a voz de Chico, perto do seu ouvido, com um toque de carícia desajeitada.

E logo em seguida uma mão, que pela aspereza devia ser calosa, afofou-lhe a cabeça. Com aquela mão, pensou Natália em meio ao seu choro, ele corta mantas de jabá, corta sabão em barra, pesa feijão, mede farinha, tira latas das prateleiras, serve aguardente aos fregueses. Ah, que repelência. Mas a mão, voltando a correr pelo cabelo, eriçou-lhe os pelinhos da nuca e fez brotar no couro cabeludo uma sensação de formigamento. Os soluços de Natália diminuíram. Quando ergueu o rosto, depois de se assoar atrás da máquina de costura e tentar esconder o vestígio das lágrimas, Natália encontrou o olhar de Chico, que estava sentado na cadeira em frente. "Ele tem olhos bonitos, limpos como água", foi o que ela pensou primeiro.

- Vim ver você - disse Chico, sério.

Dessa vez, não soltou o seu riso comprimido. Esperava, contrafeito, pela reação dela. Natália sobressaltou-se e riu alto. Chico olhou-a, a princípio sem compreender, depois riu também.

- Eu vim por amizade. Você me aceite então.

- Nada tenho a lhe oferecer.

- Você tem muito o que me dar - insistiu Chico.

A quem lhe pergunta, hoje, como teve tanta coragem, Chico lembra que costumava passar e ver Natália varrendo o passeio. Mulher limpa, asseada, caseira. Até os passarinhos assustadiços gostavam dela, enxameavam sobre os pedacinhos de miolo de pão e os fragmentos de bolacha que ela espalhava no chão de cimento. Vai ver, pensava Chico, um dia desses os passarinhos sentam na cabeça dela, nos ombros, enfeitam os braços de Natália, como se ela fosse uma Santa Francisca de Assis. Branca, miúda, com um andar vivo, gestos ligeiros, voz modulada e calma. E aquele dom de falar explicado, de caprichar na pronúncia, ela que, antes de casar, fora professora leiga. Sim, Natália sabia das coisas. Chico se sentia impelido para ela como para um clareira, um foco de luz forte. A verdade é que já pensava nela, mas sem vê-la na sua forma de agora, sem saber-lhe o nome, apenas uma mulher, vaga sombra de mulher, desde os tempos em que, negociante em ferreadas, vendia postas de carne verde, tinha armazém sortido, de secos e molhados, abastecia fazendas em volta, sua venda era um ponto de referência na vila. Ali os fregueses compravam grosso para as necessidades da semana, os peões faziam o saco e se punham de conversa, aos sábados, a beber goles de cachaça ou a trincarem facões de vinte polegadas para sentir a dureza do aço, antes de escolherem um. Chico ria feliz, mentalmente contava o dinheiro, calculava os ganhos, mas por dentro, no seu vero íntimo, se sentia ruim. Uma agonia, um desespero ainda que suportável, uma fome, a sensação de que um bicho, um bicho de andar rasteiro e dentes afiados, fuçava-lhe as tripas, roía carnes e nervos. Sabe de uma coisa?, dizia Chico a um amigo

invisível. Eu tinha o defeito de não terminar o que começava. O negócio do armazém dava lucro, a freguesia era fiel, e no entanto eu sabia que de uma hora para outra, de repente, assim como que por capricho, me vinha a dancão de passar tudo adiante, de mão beijada. Foi o que aconteceu. Quando dei acordo de mim estava outra vez no meu pedaço de terra, pequena herança dividida por herdeiros numerosos, eu aparecia lá de vez em quando para colher, secar, roçar e podar. Dá para entender? Saudades do ermo, da solidão, ele sozinho nos campos e nas capoeiras, ele chegando em casa ao escurecer, preparando sozinho sua comida, dormindo sozinho numa escuridão negra, muito negra, depois de soprar o candeeiro. E então, um belo dia, o cansaço. A volta à cidade, que o roedor dentro dele dizia ser passageira, as coisas definitivas não tinham acontecido ainda. A outra venda na cidade.

Dali, por trás da Rua da Jaqueira, Chico saiu para ver Natália. Passeios curtos, no mais fresco da tarde, os pés grossos metidos em chinelas, as mãos trançadas às costas. E aquele desejo de espiar, não por maldade, compreende?, mas para se certificar se os outros eram também como ele, assim como ele, ou se destoavam dele, se viviam melhor, se eram felizes. Descobriu Natália, que pelo menos tinha como ele a singularidade da vida solitária naquela rua de famílias completas, cheias de filhos e bichos domésticos. "Sim, eu fui me chegando", Chico relembra. "Espiei muito pela janela e Natália, debruçada sobre a costura, não me viu - ou, se viu, fingiu não ver, as mulheres têm essa manhas. Me deu um impulso de entrar, sentar, conversar com ela, vermos junto a tarde descair, a noite se instalar. Logo eu, que não sou conversador". De fato, as conversas de Chico admitiam silêncios expressivos que a sua risada em cascata acentuava. Portanto não podia conversar com estranhos. Reservava suas conversas para os que lhe conheciam a história pessoal, as origens. A Chico bastava nesse caso olhar firme o parceiro, rir, dizer algumas frases com uma voz que, embora melodiosa, parecia desdobrar um rolo, um documento, talvez um pergaminho.

Hoje eles moram na Mangabinha e vivem de pequenos rendimentos. O dinheiro de Chico quase já acabou. Não era muito, pois a venda se foi deteriorando com a chegada dos supermercados, e a parte na fazenda serviu para fazerem a feira durante quatro anos. Mais precavida, Natália aguenta hoje as despesas. Com o dinheiro das costuras comprou uma casa no Jardim Vitória e, mais tarde, outra menor, na Mangabinha, onde moram agora. Vendeu a primeira e pôs o dinheiro na poupança. Todo fim de mês vai ao banco retirar a metade dos juros. Sabe que, assim, o capital vai diminuindo, mas eles estão velhos e o dinheiro deve bastar até morrerem.

Chico está meio surdo. É preciso elevar o tom de voz para ele ouvir, e ainda assim tem de estender a cabeça. Ainda assim, surpreende, às vezes, os que falam a seu respeito à meia-voz, entrando na conversa para fazer objeções ou acrescentar pormenores. Nessas ocasiões, Natália ri.

- Esse homem sempre foi manhoso.

- Como vocês se conheceram, Natália?

- Foi simples. Um dia eu costurava e, erguendo os olhos, vi Chico na janela, do lado de fora, me olhando.

- Levou um susto, ahn?

- Se levei! Me lembro que ele estava com uma barba de pelo menos uma quinzena. Pensei comigo: "Ele vai pular a janela e me matar".

Chico não lembra, ou finge não lembrar, o que fazia parado à janela de Natália. Acha que ela, vendo-o passar, convidou-o a entrar. "Mentira sua", dia Natália, divertida, soltando um muxoxo. "Eu era viúva honesta. Então ia chamar um desconhecido para dentro da minha casa?" Chico relembra então que deve ter entrado, isso mesmo, porque Natália, com o rosto caído no tampo da máquina de costura, parecia desfalecida. "Pensei que ela tivesse sofrido um ataque", explica. "Entrei na salinha e vi logo que Natália estava chorando. Passei a mão no cabelo dela". Os dois ficam ruborizados a esta lembrança, a conversa morre. Chico pigarreia, Natália olha para os lados. Provavelmente depois da carícia de Chico, que os deixou envergonhados, Natália, para quebrar o constrangimento, foi à cozinha coar café. Chico esperou sentado na poltrona de chita. Defronte um do outro, com a janela da rua bem aberta, beberam o café em pequenos sorvos muito espaçados porque o café e o ato de bebê-lo sustinham mais a presença dos dois do que a conversa propriamente dita. Chico voltou outras noites, suas visitas eram esperadas, tornaram-se tão rotineiras para Natália quanto a obrigação de dar de comer aos passarinhos no quintal e os cuidados que dispensava aos canteiros de alfaces, tomates e cebolinhas. Chico falava e ria. "Que homem mais bobo", pensava Natália. Mas, com o tempo, aprendeu a interpretar aquele riso, que substituíra palavras, às vezes frases inteiras, servia de inter-rogação ou de exclamação, sublinhava o dito e sugeria o não dito. "Esse riso", pensou Natália, "é um pedido de desculpas. Não, não é bem assim:



esse riso é como o vagido de uma criança". Olha Chico nos olhos, tenta mergulhar naqueles olhos puros e limpos como água de chuva. Ficavam minutos inteiros a se olharem na sala acanhada de cujas paredes encardidas pendiam litografias de santos. E aquela sala, mal iluminada, meio adormecida, parecia a antecâmara de um palco. Sim, além da janela estendia-se a rua por onde passavam pessoas, a rua que os postes de iluminação clareavam bem e que lembrava, no seu traçado simples, a sugestão de uma rua num cenário de teatro.

- Você tem mãos grossas - Natália lhe disse uma noite.

Chico examinou as mãos, de palmas para cima, com espanto, como quem olha as patas de um animal prestes a ser ferrado.

- Não apenas grossas e calosas - continuou Natália, agitando a cabeça como um pássaro - mas, sobretudo, pesadas.

E tomou as mãos de Chico.

Veja como são ásperas, como pesam - disse ela, tentando sopesar-las nas suas pequenas mãos brancas de costureira.

Chico revirou as mãos, em gesto brusco, de forma a segurar as mãos de Natália. E beijou-as, no dorso e nas palmas, inclinando a cabeça para um lado e outro.

- Vá embora - disse Natália.

- Natália, eu te quero muito bem.

- Vá embora - disse Natália.

- Natália, eu amo você.

- Eu sei...

- Natália...

Abracaram-se e, caindo de joelhos, sem se soltarem, choraram. A cabeça de Natália chegava ao pescoço de Chico, vermelho e enrugado. "Eu nunca imaginei que fosse tão fraca", pensaria Natália no dia seguinte, ao acordar e rememorar a cena no seu teatrinho de todas as tardes e noites. "Me aninhei no peito dele como uma pombinha". E, depois, recobrando-se, ela se desvencilhou e disse:

- Agora vá embora.

- Sim, Natália.

- Amanhã nós nos veremos de novo - ela disse com uma certeza serena.

- Então até amanhã.

Foi quando Natália, à porta, erguendo-se na ponta dos pés, agarrou a cabeça de Chico e colou os lábios nos dele. Afastaram-se um pouco e se olharam. E, como se obedecendo a um sinal prévio, beijaram-se outra vez, longamente, num gesto simultâneo, sincronizado.

Chico andou meio ébrio até à venda, onde dormia nos fundos. Levava na boca o gosto daquele beijo, especialmente o primeiro. Tentava compará-los para lhes dar maior sabor. Eram como mordidas na polpa amarela de uma fruta madura, uma fruta que recebe e armazena os calores do verão. Uma goiaba entre deve e doce, com a sua carne rosa pálido; um bago de jaca naquele ponto em que o mel, de tão concentrado, pede apenas leve ruptura para escorrer pelos cantos da boca; o travo ácido da cajá que acaba de cair na grama; o sangue ácido da pitanga; o suco e o sumo da laranja d'água misturados na boca. E quanto mais buscava comparação nas frutas de que mais gostava, mais aqueles beijos, pelo espanto e pela entrega consentida, selavam, para Natália e ele, uma busca até então indefinida, lacravam suas vidas, juntas, num escrínio, fechavam num sobrescrito pesado, com um laço vermelho, seus destinos pessoais, para que seguissem juntos até um endereço desconhecido. Natália talvez não extrapolasse a esse ponto, pois as mulheres costumam avançar no terreno que já decidiram ceder e, se não tomam a iniciativa, quase sempre espicaçam e sugerem a iniciativa do homem, seja por palavras e atos, seja por deliberada e malevolenta omissão. Natália sabia apenas, ao fechar portas e janelas para dormir, que já não se pertencia e já se repartia. Na venda, de luz acesa, Chico tentou se distrair rabiscando contas em folhas de papel almaço. Não tinha sono.

Ao mudarem para a casa da Mangabinha, Natália deixou de costurar para fora. Tem os dedos duros e engelhados, especialmente no inverno. E o clima da cidade, com alternâncias frequentes de calor e umidade excessivos, não favorece os velhos de juntas perras. Chico enxerga relativamente bem, mas certos dias quase nada ouve, é como se lhe metessem nos ouvidos chumaços de algodão; os sons lhe chegam abafados, de muito longe, e em geral indistintos. Outros males não têm, salvo uma ferida na perna direita, que já tentou curar com tudo o que é remédio, sem desprezar rezas. Arregaça a calça, inclinando-se no tamborete baixo à porta da casa, e mostra a pereba. "Só falta agora o último recurso", ele diz. "Qual?", indaga o parente que vai visitar o casal e, escorado à porta do automóvel, conversa com

eles. "Passar um pouco de querosene e depois botar fogo na pele", diz Chico com uma risada grossa em cascata. Natália, ao seu lado, num vestido preto de manchas brancas, franze a cara e olha o visitante como quem pede desculpas. E se lhe derem rédea, repetirá, com ligeiras variações, a cena que marcou o começo da vida em comum dos dois:

- Eu estava costurando, levantei a cabeça e dei com ele ali, me espiando como um ladrão...

- É verdade - diz Chico. - Eu queria mesmo roubar você.

E desata a sua risada. Natália encara o visitante:

- Está vendo? Continua bobo, esse homem. Não muda mais.

E conta, mais uma vez, que ao olhar Chico sentado muito quieto na salinha de sua casa, a um canto, sem nada pedir, ela sentiu um aperto por dentro, "não sei de que nem por que". E pensou, sentindo um novelo de ternura, ou lá o que fosse, inchar-lhe no peito: "Que homem mais bobo".

O parente promete passar "um domingo desses, de manhã" e pegar Chico para um passeio à Baixa Grande, aos lugares de infância, da vida adulta e da fazenda.

- Vou com muito gosto - Chico se anima, soerguendo no tamborete o corpo ainda forte de homem baixo.

- Só se for de automóvel - diz Natália - Ele está muito velho para se aventurar a pé.

- De automóvel, claro - diz o parente.

- Eu ainda ando a pé por estas redondezas - diz Chico, abrangendo, com um braço, uma parte da Mangabinha.

- É diferente - garante Natália. - Você sai para tomar sua cerveja, não faz nenhuma viagem.

- Quantos anos tem? - pergunta o parente.

- Setenta e cinco já cumpridos.

E Chico ri para sublinhar alguma coisa. Para dizer que provavelmente está moço para a sua idade, e que ainda seria capaz, se Natália não detestasse tanto a vida na roça, de plantar e colher.

O parente esteve lá um dia desses, a cumprir o prometido: pegar Chico para o passeio. A casa estava fechada. Uma vizinha da frente informou que eles tinham viajado.

- É mesmo? Para onde?

- Para São Paulo. Um parente de Dona Natália mandou as passagens de ônibus.

Foram, portanto, a São Paulo, passar um mês. Dando partida no carro, o parente imagina o casal aconchegado no assento de um ônibus comercial, varando as terras, se aproximando do Rio de Janeiro e de São Paulo, noite e dia. Natália e Chico, juntos, protegendo-se. A casa fechada espera por eles, e parece que todos os vizinhos também. Porque afinal eles representam aquele tão longo e sereno amor dos necessitados.

Hélio Pólvora nasceu em Itabuna, Bahia. Publicou "Estranhos e Assustados", "Noites Vivas", "Massacre no Km 13", "O Grito da Perdiz" e "Mar de Azov".

Murilo nasceu em Penedo, Alagoas. Artista Plástico com várias exposições, faz parte da "Geração 70" da Bahia.



CABO VERDE

manuel LOPES

JRGE

NEM NAVIO

Nem navio nem sombra de nuvem no mar
para um adeus de largada...

Esta saudade infinita
é uma ilusão que se disfarça.

Grita
que a dor passa!

- Saudade é voz ancorada...

Manuel Lopes nasceu na Ilha de Santo Antão, Cabo Verde. Publicou "Paul" (crônica); "Chuva Branca" (romance); "Crioulo e outros poemas"; "Reflexões sobre a literatura cabo-verdiana ou a literatura nos meios pequenos".



PRELÚDIO

BARBOSA

Para Antônio Aurélio Gonçalves

Quando o descobridor chegou à primeira ilha
nem homens nus
nem mulheres nuas
espreitando
inocentes e medrosos
detrás da vegetação.

Nem setas venenosas vindas no ar
nem gritos de alarme e de guerra
ecoando pelos montes.

Havia somente
as aves de rapina
de garras afiadas
as aves marítimas
de vôo largo
as aves canoras
assobiando inéditas melodias.

E a vegetação
cujas sementes vieram presas
nas asas dos pássaros
ao serem arrastadas para cá
pelas fúrias dos temporais.

Quando o descobridor chegou
e saltou da proa do escaler varado na praia
enterrando
o pé direito na areia molhada
e se persignou
receoso ainda e surpreso
pensando n'El-Rei
nessa hora então
nessa hora inicial
começou a cumprir-se
este destino ainda de todos nós.

Jorge Barbosa nasceu na Ilha de Santiago, Cabo Verde. Foi o pioneiro da moderna poesia cabo-verdiana. Faleceu aos 69 anos e publicou "Arquipélago", "Ambiente", "Caderno de um ilhéu".



JORGE AMADO

ENTERRO DA

O enterro da iyalorixá saiu da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Negros, no Largo do Pelourinho, praça ilustre e sofrida, chão de pedras regadas pelo sangue dos escravos ali sujeitos ao tronco e ao pelourinho. O corpo da mãe-de-santo ficou exposto na tarde de um domingo de sol e de tristeza. A notícia ia sendo propagada de boca em boca, pois a morte sucedera após os jornais. O impacto retirava gente das praias, das diversões, do descanso dominical. De todas as encruzilhadas surgiam pessoas atônitas e apressadas; no átrio da igreja toda azul se misturavam homens e mulheres das mais diversas condições sociais no mesmo espanto doloroso.

A notícia ia devorando o domingo da cidade, a calma e a trêfega alegria. Nas ondas do rádio, brutal comunicado substituíra a música habitual: "Faleceu dona Maria Bibiana do Espírito Santo, mãe Senhora, mãe-de-santo do Axé Opô Afonjá, a mais famosa da Bahia". Para muitos parecia impossível acreditar na notícia. Tão forte ainda, aparentemente tão sadia, com sua presença de rainha, sua força de comando, sua intimidade mágica com os orixás, ainda na véspera Senhora cantara para Xangô e dirigia as obrigações do candomblé.

No átrio da igreja, amigos trocam cumprimentos e interjeições de incredulidade. Surgem hipóteses:

- Só se foi ebô... Feitiço, coisa-feita...

Uma pessoa do axé, grave e informada, esclarece:

- Foi doença de médico... Xangô já falou e disse...

Lágrimas em muitos olhos, filhas-de-santo desamparadas, os órfãos de mãe Senhora contam-se às dezenas, sua morte atinge a cidade inteira. Pela ladeira, o tráfego aumenta a cada instante, sobe e desce gente em busca da igreja.

Nessa mesma Igreja do Rosário dos Negros foi velado o corpo de mãe Aninha, fundadora do Axé do Opô Afonjá, mãe-de-santo de Senhora. Senhora fez santo aos nove anos de idade e foi Aninha quem lhe raspou a cabeça e a consagrou a Oxum. Quando Aninha morreu, em 1938, deixara Senhora preparada para sucedê-la na direção do grande candomblé. Mas outras filhas-de-santo também desejavam o posto e uma guerra-de-santo se desencadeou durante anos e anos até que a confirmação de Senhora fosse assunto pacífico e que sua personalidade se impusesse numa presença respeitada por todos. Jamais uma iyalorixá foi tão poderosa

Foto: Zélia Gattai

e reinou com poder tão absoluto no mundo complexo e mágico do candomblé da Bahia quanto mãe Senhora. Altas honrarias lhe foram concedidas, e seu poder atingia distâncias e alturas de espantar. Na fimbria da cidade da Bahia, ela se levantava sobre a vida e a morte, sobre a alegria e a tristeza, sobre o ódio e o amor.

Sua sucessão trará outra guerra-de-santo? Quem vai tomar seu posto no trono de mistérios, quem a sucederá na guarda do segredo? Os cochichos começam no átrio da igreja. Lá dentro o corpo de iyalorixá recolhe lágrimas e pranto, palavras de saudade e de inconformado desespero. De quando em vez um soluço se eleva. Os altares estão povoados de orixás e as águas



IYALORIXÁ

das fontes e
dos rios de
Oxum rolam
pela praça, descem
as ladeiras, precipitam-se
no Pelourinho.

- Quem irá para o seu lugar?
Quem?

- Quem vai dizer é Xangô, quando
o jogo for feito. . .

Mãe Senhora morreu de manhazinha, na véspera cumprira obrigações de santo até tarde, noite adentro. A morte a alcançou na hora do primeiro sol e seu corpo ocupou, imenso, a casa de Oxalá. A notícia desceu para a cidade: obás, ogãs, filhos e filhas-de-santo dirigiram-se para os caminhos de São Gonçalo, onde se ergue o terreiro. A cidade foi tomada de surpresa e comoção, um impacto violento. Na vida dessa cidade da Bahia que não se parece com nenhuma outra, a iyalorixá Senhora era uma figura das mais importantes, guardiã de tradições e de rituais que resistiram a todas as perseguições, que superaram a desgraça da escravidão, que trouxeram os bens da dança do canto até os dias de hoje. No complexo cultural baiano (e brasileiro, pois a Bahia é a matriz inicial e fundamental), o povo tem o primeiro lugar, o papel definitivo.

Quem presidiu as obrigações do axexê, das cerimônias fúnebres, foi outra famosa mãe-de-santo: a iyalorixá Menininha do Gantois, irmã-de-santo da falecida e sua grande amiga. Veio de sue terreiro do Gantois, de onde quase nunca sai, para as pesadas tarefas de egun. Nenhuma outra mãe-de-santo poderia fazê-lo devido à qualidade da falecida e à sua importância. Numa sutil hierarquia que não é imposta por nenhum decreto, Senhora estava praticamente acima das demais, só Menininha era sua igual no conhecimento e na experiência.

Das três grandes iyalorixá dos últimos tempos, agora resta apenas mãe Menininha do Gantois. A primeira a falecer foi tia Massi, do Engenho Velho, veneranda figura centenária. Cumpriu os cento e três anos quando morreu. Dançou para seus orixás até os últimos dias. Agora, numa cerimônia de acesso permitido apenas a alguns iniciados, Menininha cumpre as primeiras obrigações do axexê de Senhora, sua irmã-de-santo, antes que o corpo seja levado para a igreja católica. Mais uma vez se interpenetram cultos e rituais, de culturas, de religiões, de cores, nossa originalidade. Importante mãe-de-santo, Senhora era igualmente importante membro de confrarias católicas.

Da igreja superlotada sai o enterro às cinco horas da tarde. O acompanhamento é grande e grandioso: gente das seitas afro-brasileiras, muitos intelectuais amigos de Senhora, alguns com postos importantes no axé, como o tapeceiro Genaro de Carvalho, a face cortada de tristeza. O poeta Hélió Simões vai a seu lado.

O carro funerário, os automóveis e os

ônibus dirigem-se ao Cemitério das Quintas, onde, em terras de sua confraria católica, Senhora tem direito a jazigo perpétuo. O Cemitério fica no alto de uma colina, mas o carro funerário, os automóveis e os ônibus não sobem a ladeira, como fazem habitualmente em qualquer outro enterro. Desta vez, a morta e os acompanhantes desembarcam ao sopé da ladeira. Obás e ogãs, alguns dobrados ao peso da idade, velhos tios de cansada história, tomam do caixão e três vezes o suspendem, três vezes o baixam no início do ritual do enterro nagô.

A voz do pai-de-santo Nezinho se eleva sobre a rua no canto fúnebre em língua iorubá. O enterro segue: três passos em frente, dois atrás, passos de dança ao som do cântico sagrado, o caixão suspenso nos ombros dos obás. As janelas estão cheias, vem gente correndo para ver o espetáculo único. Enterro igual a esse não existe. Mãe Senhora preside sua última festa - transportada por seus obás. A dança enche a rua, dançam todos ao som das cantigas de despedida. Os obás e os ogãs, de costas, entram com o caixão no cemitério.

Ao lado do jazigo, em meio às flores e ao pranto, as derradeiras cantigas, quase como uma frase de amor, uma conversa de mãe e filhos, canto mais terno e doloroso. "Somos os últimos a ver essas coisas", diz o poeta Hélió Simões. Os atabaques estão silenciosos, todos se vestem de branco, que é a cor de luto, morreu a iyalorixá mais famosa da Bahia. Era uma pessoa sábia, sábia da sabedoria de uma vida inteira, ilustre da grandeza do povo. Foi enterrada no ritmo do canto, em passo de dança, bens do povo que ela ajudou a defender e a conservar.



jo,
se
car
lo
s
ca
pi
na
n

*Corre pelas ruas um vago rumor de asas
segue o poeta nas brumas*

*no seu hábito
calado*

*Colado no seu coração
um vagido um vago ai
ai de onça
um gemido
(ai de moça
que dê ouvido)*

*Nas ferozes sombras do muro
distingue formas o acaso*

*da chuva
do lápis infantil
do terror
sangue
e escarro*

*(não foi deus nem o poeta
nem acaso quem pôs a pedra)*

*- a cal a sombra o sarcasmo -
é tudo pintura moderna*

José Carlos Capinan nasceu em Esplanada, Bahia. Publicou, entre outros trabalhos, "Inquisitorial", "Ciclo de Navegação", "Bahia e Gente", e "Poemas".



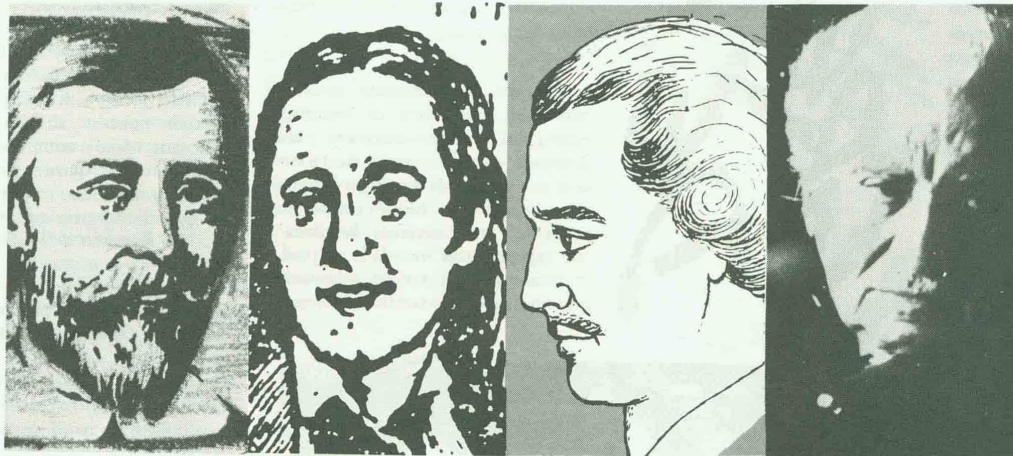
INFLUÊNCIA DOS ESCRITORES BRASILEIROS NAS LITERATURAS AFRICANAS

GRAMIRO DE MATOS

INTRODUÇÃO

Num passado recente, a moda nos meios universitários, era o "brazilianismo" dos professores americanos, que pesquisaram a nossa problemática político-institucional emergente com a ascensão dos militares e da tecnocracia (com facilidades que não encontraram os colegas nacionais). Apesar da competência, não conseguiram ficar "por dentro" da complexa realidade brasileira. Em pouco tempo, como por encanto, desapareceram da cena político-cultural do país.

Agora, de "ponga", surgem novos estudiosos, desta vez europeus, tendo como temática a questão do negro na nossa criação literária. Caso do livro "Raça e Cor na Literatura Brasileira", de David Brookshaw, que em entrevista recente, declara que os escritores brasileiros, com raras exceções, têm sido discriminatórios e desinteressados dos temas africanos. Para ele, Jorge Amado é folclórico e a tese da democracia racial engodo. Aborrecido com o raciocínio anglo-saxônico, o professor inglês afirma ainda que Gilberto Freyre considera a negritude antibrasileira e que o negro deve igualar-se pela separação.



Só desconhecendo a literatura anticolonialista, abolicionista, modernista e social do Brasil (fato comum entre os intelectuais estrangeiros), pode dizer-se que nossos escritores discriminaram o negro. Na verdade, eles, historicamente, não apenas participaram com sua arte na resistência, como na política, tendo alguns sido degredados, por motivos políticos, para a África. Ai não só intervieram em movimentos anticoloniais, como contribuíram para o surgimento e desenvolvimento das literaturas africanas.

Na realidade, a influência da nossa literatura na formação da consciência nacional, luta anti-racista e expressão estética africana, nos países eusófonos, tem sido permanente desde o século XVII até hoje. Houve momentos expressivos no século XIX, quando os africanos (e portugueses), liam Castro Alves, José do Patrocínio, Gonçalves Crespo, Caldas Barbosa, Cruz e Souza, Luís Gama, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Machado de Assis etc., citados nas obras e publicados na imprensa africana da época.

Esta presença aumenta significativamente com os modernistas (Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, José Américo

etc.), consolidando-se com os romancistas nordestinos (Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins etc.) e os sociólogos e antropólogos Nina Rodrigues, Gilberto Freyre e Arthur Ramos, cantados e admirados pelos escritores africanos, conforme sublinhamos em "Influências da Literatura Brasileira sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa" (1982). A propósito, o poeta e contista africano Costa Andrade. "Entre a nossa literatura e a vossa, amigos brasileiros, os elos são muito fortes. Experiências semelhantes e influências simultâneas se verificam. É fácil (...) encontrar Amado e os 'Capitães da Areia' nos nossos melhores escritores. Drummond, Graciliano, Jorge de Lima, Cruz e Souza, Mário de Andrade e Solano Trindade. Guimarães Rosa tem uma presença (...) de mestre das jovens gerações de escritores angolanos (...). Pelo impacto que teve junto do nosso povo são vetados pelos colonialistas. Eles estão presentes, porém, nas preocupações literárias dos que lutam pela liberdade. A vossa literatura influenciou a nossa. E um fato" ("Primeiro Festival Mundial de Cultura Negra", São Paulo, 1963).

Por seu lado, o romancista angolano Pepetela (Prêmio de 1982, com

"Mayombe"), em recente visita ao Rio, declarou que "todos os escritores angolanos foram influenciados por Jorge Amado. Em Moçambique, poetas exaltam a afirmação do negro na obra do grande escritor, exemplo de M. Coutinho, no "Direito de Cantar" (1957): "Conheci hoje o negro que há em mim/ Que vive no meu peito ignorado/ Sob uma pele branca de europeu/ Aquele negro que se dá ao J. Amado/ E hoje se me deu". Houve muitas dificuldades no processo de mestiçagem na África, expresso de forma clara por outro importante poeta moçambicano, Vítor Matos: "E poder, amigo/ Chamar-te irmão na tua dor/ Já que não posso ser na mesma cor" ("Poesia de Moçambique", 1961).

As teses do Brookshaw, de que o negro deve separar-se em função de conquistar a igualdade ou a dos que defendem o fim do sincretismo religioso, além de ser uma ilusão (a mistura faz parte da arquitetura histórica da nossa civilização, cujo mérito principal é ter criado condições objetivas e psíquicas para a superação do racismo, base para uma sociedade verdadeiramente humanista e democrática quando solucionados os problemas sociais), seria um retrocesso na luta contra sociedades de desenvolvimentos separados - o apartheid,

por exemplo - seja de classe, raça ou religião. Neste sentido, transcrevo as memoráveis palavras de J. Amado, autor de audiência entre povos colonizados e segregados (apesar dos preconceitos de Brookshaw ou de Abdias de Nascimento) na "Saudação aos Orixás". "Na Bahia se iniciou o processo de grande mistura que (...) está formando (...) a nação brasileira. Nosso povo e nossa cultura nascem da mistura das raças e dos sangue; por isso somos diferentes de todos os demais. Aqui se misturaram índios, negros e brancos para dar lugar ao brasileiro: desta fusão resultam nosso caráter e nossa cultura. Mas quero repetir: (...) nosso umbigo é África. Não existe outra solução para o problema racial além da mistura; qualquer outra proposta conduz infalivelmente ao racismo, o mais torpe e vil dos preconceitos" (A TARDE).

Neste contexto de civilização original, a "negritude" foi um movimento histórico e cronologicamente antecedido pelo Movimento Modernista, assim como outras manifestações culturais africanas e latino-americanas - a "Caboverdianidade", o "Negritismo Cubano", o "Vamos Descobrir Angola" etc. - que produziu uma literatura na-

cional, atual, social e universal, formando gerações de escritores africanos, alguns precursores das lutas de independência. O americano Russel G. Hamilton afirma: "Os intelectuais nas colônias (...) viam o Brasil (...) e conseguiam identificar-se com símbolos étnicos e culturais (...) reivindicação cultural na base de um senso de solidariedade com o espírito de independência e renascença no Brasil" ("Literatura Angolana", 1982).

Além da informação dos valores da "negritude", o modernismo profetizou, preparou e universalizou transformações políticas culturais, produto de um país do Terceiro-Mundo, cujo "enredo histórico foi a luta pela liberdade", conforme José Honório Rodrigues. A resistência antiescravista no processo de libertação nacional que continua, se ampliou pelo mundo, principalmente entre os povos oprimidos tendo a literatura como vanguarda: "A literatura angolana apresenta uma linha de evolução histórica semelhante a que se verificou em outros países também colonizados. O caso do Brasil é particularmente próximo, "disse C. Andrade, acrescentando", aí também se pagou com a morte ou o silêncio foi imposto a tudo que não fosse reprodução da imagem pretendida pelo colonizador" ("Literatura Angolana").

Enfim, o interesse histórico dos nossos escritores e do povo em geral pelas temáticas africanas é reconhecido pelo ensaísta soviético Stepan Mamantev: "Nas Antilhas e o Brasil - zonas de instalação inicial dos negros americanos -, até se poderia falar numa explosão do negrismo que foi assinalado não apenas pela opinião de alguns dos grandes poetas que cultivavam o tema africano, mas também pelo súbito interesse da mais ampla opinião pública e dos círculos científicos vinculados à cultura e arte de raiz africana em geral" (in "África", 1979).

GREGÓRIO DE MATOS



A introdução de temas afro-brasileiros em Portugal e África nos séculos XVI / XVII / XVIII / XIX, aconteceu com a presença de escritores brasileiros em terras lusitana e africana. Destacaram-se Gregório de Matos e Caldas Barbosa. "Estes temas só entraram nos diferentes espaços culturais de língua portuguesa por intermédio dos autores brasileiros (...) caso de G. de Matos e C. Barbosa (...). O elo necessário para compreender a maneira como os poetas africanos vão elaborar sua relação com o mundo e com eles próprios, está no Brasil", afirmou o pensador e ensaísta angolano Alfredo Margarido (In *Estudos sobre Literatura das Nações de Língua Portuguesa*, 1980).

De fato, os elementos temáticos (resistência e denúncia da dominação estrangeira, luta anti-escravista e abolicionista, o realismo social etc.) e estéticos (a criatividade formal, o imaginário, o lirismo etc.), historicamente preponderante na Literatura Brasileira - que expressa uma sociedade original e multifacetada, em combate permanente pela liberdade - são também observados

A obra e a vida de G. de Matos tiveram um papel precursor neste processo. A poética gregoriana, barroco-maneirista, satírico-anarquista, político-pornográfica, no seu todo cinematográfico, reflete o paradoxo global da dependência, além da contradição de artista pluralista. No poema "Senhora Dona Bahia", alertava para "os extravagantes meios/com que estranhos dominavam/ indignamente naturais da sua pátria" (in *Obras Completas*, de James Amado, 1969). E em "Descreve com mais individualização a fúria com que os estrangeiros sabem arruinar sua República" denuncia a forma de enriquecimento ilícito: "Arma-lhe a tendo o rícaço/ que a terra chama magnata/ compacto de parceria/ que em direito em sociedade: (...) que em direito em sociedade: (...) vende o cabedal alheio, e dá com ele em levante/ vai e vem e, ao dar contas/ diminui e não reparte" (In Ob. Cit.). Isto é, a associação do colono com a negociante local, com o fim de espoliar, método também aludido por poetas africanos, como o santomense Francisco José Tenreiro: "Quando Seu Silva Castro/ chegou na ilha/ toruxe uma garrafa de aguardente/ para o primeiro comércio" (In *Romance de Seu Silva Castro*, 1943).

"Caberá até perguntar - interroga-se A. Margarido - se a eliminação de G. de Matos, que só findou no séc. XIX, não se deve (...) ao facto de o poeta ter denunciado as formas de colonização (...). Encontramos dois elementos que podem ter levado à sua exclusão da literatura: denunciar certas práticas do colonialismo, reforçado pelo hábito de introduzir expressões ou metáforas que só podiam ser compreendidas pelos brasileiros (...). Seleciono um poema curto, onde se concentram alguns dos elementos que fazem a originalidade da poesia de G. de Matos:

Brás pastor inda donzelo,/ Querendo descabaçar-se/ Viu Betica a recrear-se/ Vinda ao prado de amarelo:/ E tendo duro o pinguelo,/ Foi lhe metendo já nu/ Fossando como tatu:/ Gritou Bristes, inda bem,/ Que tudo sofre, quem tem/ Rachadura junto ao cu".

E finaliza o especialista africano: "Mesmo que o poeta se mantêm fiel a (...) parâmetros da colonização (...) ele aparece essencialmente como um elemento corrosivo, que não respeita as regras do jogo colonial" (In Ob. Cit.).

A passagem do poeta baiano por Angola (deportado da Bahia, depois do regresso de Portugal, onde viveu 32 anos), neste contexto, é particularmente significativo, por ter participado de sublevações pela Independência desta nação africana, que teriam tido inspiração brasileira. O historiador Pedro Calmon afirma que as tropas angolanas foram "em parte, manejadas por alguns velhos soldados brasileiros" (In *A Vida Espantosa de Gregório de Matos*, 1933) e o historiador angolano Raph Delgado acrescentou: "Era certo que o terço era composto, em grande parte,

nas Literaturas Africanas, que tiveram importante influência da nossa, confirma outro escritor angolano contemporâneo, F. Costa Andrade: "A Literatura Angolana apresenta uma evolução histórica semelhante a que se verificou em outros países também colonizados. O caso do Brasil é particularmente próximo (...). Entre a nossa literatura e a vossa, amigos brasileiros, os elos são muito fortes. Experiências semelhantes e influências simultâneas se verificaram. A vossa literatura influenciou a nossa. É um fato. Forjou-se a mesma identidade e o híbrido resultou das mesmas coordenadas" (In *Literatura Angolana*, 1960).



por condenados metropolitanos e brasileiros" (In *História de Angola*, 1955).

Na verdade, o poema "Que fez o autor em Angola no levantamento dos soldados" ou "Descreve a hum amigo desde aquele degredo as alterações e misérias daquele Reino de Angola e o que juntamente lhe aconteceu com os soldados amotinados que o levaram para o campo, e tiveram consigo para os aconselhar no motim", além de ser um dos quatro dos primeiros criados em língua portuguesa por um brasileiro em África no séc. XVII, apresenta a razão profunda das revoltas, o colonialismo. Esta obra pode ser considerada como precursora da Angolanidade - o modernismo angolano do séc. XX (a geração de escritores nacionalistas angolanos do final do séc. XIX foi, em parte, influenciada - conforme fatos que apresentamos in *Influências da Literatura Brasileira nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, tese de Doutorado, inédita, 1982 - por escritores brasileiros, como o foram amplamente, no séc. XX, os do movimento *Vamos Descobrir Angola* (1948), pelos nossos modernistas e romancistas nordestinos).

O poema revela-nos não só a verdade histórica - que se comprova no *Arquivo Histórico Ultramarino* (Lisboa) e na *História das Guerras Angolanas*, de A. Codornéa - como relata os motivos das sedições, ligados à crise política, social e económica da então colónia portuguesa (que as cartas dos governadores da época também documentam), além de ser uma obra anticolonialista do primeiro e principal poeta universalista brasileiro:

Angola é terra de pretos/ mas por vida de Gonçalo,/ que o melhor do mundo é Angola, /e o melhor de Angola os trapos. / Trapos foi o seu dinheiro/ este século passado/ hoje já trapos não correm/ corre dinheiro mulato,/ dinheiro de infame casta/ e de sangue inficionado/ por cuja causa em Angola/ houve os seguintes fracassos. / Houve o motinar-se o Terço/ e de ponto em branco armado/ na praia de Nazareth,/ por nós em sítio versado. / Houve um Luiz Fernandes/ foi entónce aclamado/ por rei dos giribiteiros,/ ou por soba dos borrachos. / Houve a expulsão do Ouvidor/ na chinela de um barco/ botou pela barra fora/ mais medroso que outro tanto. / Houve levar-se o Doutor/ rocim pela barbicacho/ à campanha do motim/ por Secretário do Estado. / Houve que riscando o terço/ mandou aqui lançar bandos/ alguns com pena de morte,/ outros com pena de trato. / Houve que os sete cabeças/ foram metidos num saco/ porque o dinheiro crescesse/ como os fizesse em quartos. / Houve que setes mosquetes/ deram aos setes borrachos/ as sentenças aos ouvidos/ em segredo aqui entre ambos. / Houve que os setes defuntos/ ainda hoje se estão queixando,/ que aquela grande porfia/ restam os cacos quebrados. / Houve que após a sentença/ e execução dos madraços/ prenderam aos esmoleiros/ que deram socorro ao campo,/ Houve que saíram livres/

por força de um texto santo,/ cuja fé nos persuade,/ que a esmola apaga o pecado. / Houve mil desventuras,/ mil sustos e mil desmaios,/ uns tremiam com quartans/ e outros tremiam os quartos/ Houve que esteve em depósitos/ num triz de ficar queimado/ arremedado nas cinzas/ ao antigo mar Troiano. / Leves diabo o dinheiro/ por cujo sangue queimado/ tanta queimação de sangue/ padecem negros e brancos. / Com isto não digo mais/ antes tenha sido largo,/ que me esquecia até agora,/ do nosso amigo Alencastro.

(In *Gregório de Matos e Guerra em Angola*, de F. da R. Peres, 1968).

Daí ter razão muitos escritores africanos, entre os quais o poeta e político F. Costa Andrade, quando afirma:

"O Brasil, país irmão, melhor que qualquer outro na América do Sul, pode compreender a situação cultural angolana" (In Ob. Cit.).

TOMÁS ANTONIO GONZAGA



A presença de líderes inconfindentes nas várias colónias africanas, no final do Séc. XVIII - principalmente militares, políticos, profissionais liberais, poetas - degredados por participação ativa nas lutas pela Independência do Brasil, contribuiu para o esforço da consciência nacional/autonomista e também para o desenvolvimento das literaturas daquelas nações submetidas ao colonialismo (bem recebidos, desempenharam ali diversas funções na administração pública, ensino, medicina etc.).

Nas áreas literária e cultural teve papel de destaque o poeta inconfindente luso-brasileiro Tomás Gonzaga - depois da precursora e meteórica passagem do baiano Gregório de Matos por terras angolanas no Séc. XVII, onde escreveu sobre e se envolveu em movimentos anticoloniais.

Em *Relações das Literaturas Lusófonas de África com a Ásia e as Américas* (1977), diz o africanista americano Gerald Moser: "A antiguidade das contribuições literárias dadas pela África ao Brasil (...) comprovam- na os etnólogos (...) na literatura culta (...) surgiu em África um ou outro escritor entre os degredados (...) tem notícias de Gregório de Matos (...) e T.A. Gonzaga, o juiz enamorado e inconfindente que acabou a vida na Ilha de Moçambique. De Matos e Gonzaga se conservam uns tantos poemas escritos no desterro africano. Não se sabe, porém, de qualquer eco que ali tiveram.

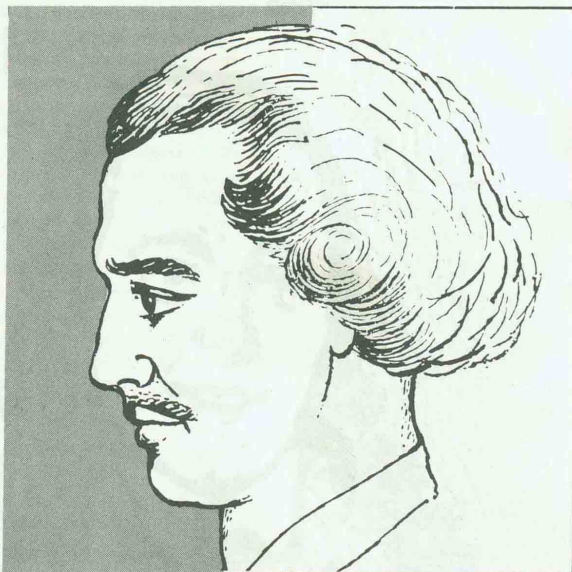
G. Moser informa ainda que o primeiro escritor a publicar um livro em Moçambique foi o juiz e poeta José Vicente, em 1858 (o segundo, *O livro da Dor*, do jornalista e nacionalista João Albasini (Séc. XIX - 1932), diretor de *O Brado Africano*, só apareceria em 1925). Nas pesquisas que fizemos re-



CASTRO ALVES

Um dos principais e primeiros poetas africanos de relevo internacional a indicar influência de Castro Alves em sua obra foi o são-tomense Caetano C. Alegre (1864-1890), autor de *Versus* (póstumo, 1916), considerado por estudiosos como o lusófono Manuel Ferreira, o pai do Negrismo em língua portuguesa. Ele admirava tanto o "Poeta dos Escravos", que o transcreveu na epígrafe do soneto "O Sonho Dantesco" ("Era um sonho dantesco ... o tombadilho", C. Alves), título também extraído do "Navio Negreiro":

"Era um sonho dantesco..." repetia/ Aquela pálida e gentil morena/ .../ Que estranha criancice: que loucura!/ Como podia aquela mente pura/ Compreender o sonho dantesco" (In *Versus*)



Caetano conheceu o obra do vate baiano em Lisboa (e de outros autores brasileiros que também o influenciaram, como Cruz e Souza e G. Crespo), onde estudava Medicina. Talvez através do *Almanak de Lembranças Luzo-Brasileiro* (1852-1930), importante publicação da época, que divulgou escritores brasileiros, portugueses e africanos simultaneamente nos três continentes, tendo a biografia e excertos de poemas anti-escravistas e C. Alves, sido publicados em 1882 (a edição *Os Escravos* apareceria logo após, em 1884).

Considerado um poeta predominantemente preocupado com a questão da cor da pele ("A minha cor indica luto e pena/ todo eu sou um defeito") etc., a obra de Caetano - tido hoje um dos maiores autores de S. Tomé e Príncipe -, precocemente falecido, em Portugal, de tuberculose, tem ainda um significativo apelo social e político (além da reconhecida qualidade literária), como o do poema feito na chegada de D. Pedro II, em Lisboa, exilado, depois da Proclamação da República, no Brasil (1889),

ato visto como de vanguarda no longo e doloroso processo da libertação dos povos: "Não lamento, senhor, o Rei que se desterra/ o trono despedaçado em nome da Igualdade/ Majestade, uma só, todas as mais encerra: do gênio e do trabalho a eterna majestade" (In Ob. Cit.).

A influência de Castro Alves é ainda mais significativa em Angola e Moçambique (onde era censurado - junto com J. Amado, G. Ramos etc. - pelo colonialismo), principalmente no nosso Séc. - o que demonstra a atualidade da temática de sua obra na diáspora das nações africanas emergentes.

Talvez o primeiro poeta angolano de importância a reconhecer as qualidades transformadoras de nossa literatura e a destacar a poesia de C. Alves, foi Geraldo B. Victor - que teve um livro prefaciado por M. Bandeira -, autor de *Ao Som das Marimbas* (1943), uma das obras precursoras do modernismo angolano. Em *Minha Terra e Minha Dama* (1939/51), diz ele: "É preciso que a África conheça, estude e ame (...) a Literatura Brasileira, cuja poesia é já mundialmente admirada. Angolana especialmente, por razões psicológicas, histórica e social (...) para receber a lição sem a qual não haverá uma verdadeira poesia africana (...) da obra de G. Dias, C. Alves, C. da P. Cearense, J. de Lima, M. Bandeira, M. de Andrade. Sobre tudo C. Alves, com seu lirismo romântico e social". A lição foi, realmente, incorporada pelos grandes poetas modernos angolanos. Exemplo, Maurício Gomes, um dos papas da angolidade:

"Ribeiro Couto e Manuel Bandeira/ Poetas do Brasil, do Brasil nosso irmão/ Disseram: É preciso criar a poesia brasileira./ (...) Angola grita pela minha voz,/ pedindo aos seus filhos nova poesia" ("Exortação", 1959).

Nesta época, o romancista angolano Castro Soromenho provocava a ruptura com a literatura colonial em voga, com o romance *A Chaga* (publicado pela primeira vez em 1949, no Brasil, que tem sido pioneiro na edição de romances africanos). Enquanto isso, o Modernismo Brasileiro influenciava os escritores das então colônias e os que viviam em Portugal, reunidos na Casa dos Estudantes do Império, que editava a revista *Mensagem* (1949-64), responsável pelo lançamento dos principais autores africanos de expressão nacional. Deste grupo surgiram protagonistas das lutas de Independência, exemplo: A. Neto, Viriato Cruz, Luandino Vieira, Costa Andrade, Amílcar Cabral etc. Disse o poeta e ensaísta angolano Mário Antônio: "Quer na escolha dos temas, quer na forma, é evidente a influência dos modernos brasileiros (...) Nas frequentes evocações da infância, no protesto, no elogio da Mãe-Negra e tantos outros motivos - sente-se apreendida a lição poética dos Brasileiros" (In *Resenha Histórica da Literatura Angolana*, 1963).

A luta anti-racista e anticolonialista se ampliava e C. Alves surgia como símbolo da libertação, como se observa

na obra do poeta e contista angolano Costa Andrade:

"Em mim detidos os milhões de escravos angolanos/ que o camartelo e as naus trouxeram/ para fazer de Castro Alves um poeta/e em mim detém/a pele dos meus avós que se libertaram"/ (In *"Cela Comum"*)

Analisando, neste contexto, a poesia africana atual, as realidades históricas da África colonizada, escreveu a ensaísta brasileira M. A. Santilli: "A Castro Alves, recuperando emotivamente as instâncias históricas do degredo do seu povo, a voz do poeta alonga-se para alcançar o que foi ficando nas sombras da memória dos homens as cinzas das vítimas que as américas tragarão, causticantes, no entanto, em sua consciência de africanidade - Virgínia/ Alabama/ Mississipi/ Sangue/ Vermelho/ Suor negro branqueando algodão/ Cuba/ Brasil/Martinica/Mais sangue vermelho/Suor de negro movendo engenho de açúcar". (In *Tema da Diáspora Africana na Poesia de Angola*, 1979).

A capacidade revolucionária de uma arte se obtém na prática do seu universalismo. Em Moçambique, o eco das "Vozes da África" e a temática do "Navio Negreiro" calaram fundo na lama dos seus maiores poetas, como José Craveirinha ("Amo-te Maria/ com as raízes de uma canção negreira/ (...) e nervosa cadência marinheira/ do cais donde meus avós negros/ embarcaram para hemisférios de escravidão") ou Noémia de Souza ("Oh ritmos fraternos do samba quente da Baía/ herança de África que os negros levaram/ No ventre sem sol dos navios negreiros..."). E Duarte Galvão, fundador da revista *Mshao* (1952), marco da literatura de expressão nacional moçambicana, no poema "Native Song nº 7", demonstra claramente a contribuição do "Poeta dos Escravos" e da mestiçagem brasileira na formação da consciência nacional de Moçambique:

"Aqui, José Mulato/ Nos ritmos de sambas e brasis/ Castro Alves dos lados do mato./ Ah, Zixaxa e Mafala/ Ah, Xipamanine e Munhuana/ Vai sonhando novos universos/ Liricamente desfolhando girassóis/ Ou mastigando castanhas de caju./ Aqui os sonhos cresceram/ Porque os POEMAS VERTICAIS/ Foram lidos, não se perderam" (In *Poemas do Tempo Presente*, 1960).



centemente no exterior, contudo, encontramos indícios seguros de algumas influências de Gonzaga (como de Gregório), no progresso espiritual africano. Na *Reposição de um Problema e Resposta a um Crítico*, por exemplo, o historiador moçambicano Alexandre Lobato afirma que "a vida do espírito em Moçambique remonta dos primeiros anos do Séc. XIX", acrescentando não ter sido "estranho ao movimento cultural da velha capital a estadia do poeta Antônio Gonzaga (1744-1810), que ali viveu degredado".

Naverdade, foi em Moçambique - onde as qualidades de Gonzaga eram publicamente admiradas, pois o bispo de Alba apresentou-o para um emprego público como "letrado, homem sábio e de probidade" (In *A Sorte dos Revolucionários no Degredo*, de M.P. Pombo) - que ele escreveu, em 1805, o poema inédito "A Conceição" (manuscrito descoberto pelo pesquisador português R. Lapa e que se encontra na B. Nacional, do Rio, tendo o achado merecido uma crônica do poeta Carlos Drummond, "O Encontro"). Nesta obra inacabada, que narra o naufrágio do veleiro 'Marialva' (vindo do Rio para este país africano), se encontram versos que inauguram, no remoto início do Séc. XVIII, não apenas uma criação literária realizada em Moçambique mas os fundamentos de uma literatura de expressão nacional e de combate à dominação estrangeira:

... Portugueses! Cupido fez de Aquiles zombaria/ fazendo com Aquiles se assentasse/ no estrado das belezas, que o cercavam;/ que, despindo o arnês, vestisse a saia;/ que pusesse à cintura a roca indigna/ tirando da cintura a mesma espada;/ e vós, ó portugueses (com que custo este nome/ vos dou) julgais que podereis/ chegar às damas sem que elas vos abracem?/ Por ventura vós sois melhores do que foi Aquiles?/ Tendes almas mais fortes. Sois mais sábios?/ (...) Se quereis ir aos brinco, tão impróprios/ do guerreiro caráter, ide embora! porém debaixo ao menos de um disfarce./ Imitai, imitai o bravo Aquiles, depondo os ferros e vestindo a saia./ (...) O valor, Portugueses, não se alcança/ por serem nossos membros só nutridos/ com nervos de serpentes e tutanos/ dos ursos e dos tigres. Quem pretende/ ter valor e virutde há de buscá-los/ nas sábias reflexões, nos bons exemplos/ abrindo os olhos sempre a quanto pode/ a virtude exercitar, fechando os olhos/ a tudo quanto pode corromper-lhe/os são desejos que residem n'alma

(In *Influências da Literatura Brasileira nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* de G. Matos).

De fato, ainda não existia imprensa, na época em que o poeta viveu em Moçambique (onde casou e teve filhos), entre 1792 a 1810. O que dificultou a divulgação de sua produção literária (e também de assuntos jurídicos, processos, pareceres, etc.), na então colônia portuguesa. No entanto, logo que ela surgiu, na segunda metade do Séc. XIX, alguns poemas de Gonzaga fo-

ram publicados. Por exemplo, "A Moçambique Aqui Vim Depor-tado", lançado pela *Revista Africana* (nº 1, 1881), jornal dirigido por J.P. Campos de Oliveira, um dos primeiros e mais significativos dos poetas moçambicanos. Aliás, não é por acaso que deste autor - cuja obra é praticamente desconhecida entre estudiosos e os próprios conterrâneos - descobrimos alguns poemas, como "O Pescador de Moçambique" (1876), que antecipa, pela temática africana, o rompimento com a literatura colonial e racial, que se iria verificar efetivamente nas décadas de 30/40, deste Séc., com o poeta Rui Noronha (1909-1943): "Eu nasci em Moçambique, / de paës humildes provim, / a cor negra que elles tinham / é a cor que tenho em mim; / sou pescador desde a infância / e no mar sempre vaguei / a pesca me dá sustento / nunca outro mister busquei" (In Ob. Cit.). Aqui estariam reunidos, da lavra de um admirador do poeta brasileiro, os elementos étnicos e sociais para o doloroso processo de desalienação e mestiçagem da África colonizada e segregada, itinerário retomado por seguidas gerações de escritores moçambicanos, passando por Noronha ("Desperta. O teu dormir já foi mais do que terreno (...) África surge et ambula") e consolidando-se com José Craveirinha:

"Oh meus belos e curtos cabelos crespos / (...) E a minha boca de lábios túmidos / Cheia de bela virilidade ímpia de negro / (...) Oh meus dentes brancos de marfim / Puros brilhando na minha negra reencarnada / Face ativa" (In Ob. Cit.).

Como sintetizou M. Ferreira: "No trânsito da dor de ser negro, em Caetano C. Alegre, para o consciente orgulho de ser preto, em J. Craveirinha, se edifica, no espaço lírico, o discurso da descolonização mental e se organiza o corpus da libertação racial e cultural" (In Ob. Cit.).

Tudo isso demonstra, na dialética da história, a importância política e literária dos escritos de desterro do poeta da Inconfidência (curiosamente, foi outro inconfidente, José R. da Costa, quem primeiro deu informações sobre os poemas africanos de Gonzaga - que não estão incluídos em suas *Obras Completas* -, num ensaio publicado em 1867, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, do Rio), inclusive pelos significantes da situação política do autor - implicado na luta patriótica pela libertação do Brasil do Colonialismo - exercendo, assim mesmo no plano do inconsciente, influências mais amplas do que as imaginadas por G. Moser ou as assinadas por A. Lobato, tanto literariamente como no aprofundamento da consciência nacional africana.



JORGE AMADO

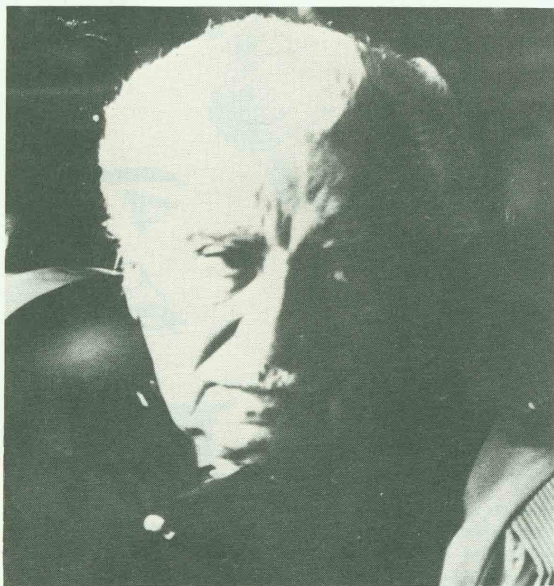


Foto: Zélia Gattai

"Entre a nossa literatura e a vossa, amigos brasileiros, os elos são muito fortes. Experiências semelhantes e influências simultâneas se verificam. É fácil (...) encontrar Jorge Amado e os seus *Capitães da Areia* nos nossos melhores escritores", disse o poeta e contista angolano Costa Andrade. (In *Literatura Angolana*, 1980).

Historicamente, desde a presença de Gregório de Matos e Guerra em Angola, passando por Tomás A. Gonzaga, em Moçambique, além da vivência dos degradados políticos brasileiros e da divulgação da obra abolicionista de Castro Alves no Séc. XIX no continente africano, que a nossa literatura de resistência vem calando fundo, na alma dos intelectuais da África.

Com o Movimento Modernista e o romance social nordestino, esta penetração se consolida, contribuindo mesmo para o alargamento da consciência nacional de líderes da indepen-

dência africana, de poetas e escritores como Viriato Cruz, Agostinho Neto, Luandino Vieira, Amílcar Cabral, entre muitos outros. Neste contexto, a obra social e sensual de Jorge Amado, verdadeira metáfora da cultura da mestiçagem, assume um papel de destaque, informa o estudioso americano Russel G. Hamilton:

"No Brasil (...) 1915-1945, o Modernismo ganhava potência como movimento autoctone, que reclamava a independência cultural, linguística e intelectual desse País. E, no Nordeste, coincidia com o regionalismo que, a partir de 30, resultara numa nova vigorosa prosa de ficção social e sociológica. Foi essa literatura que teve o seu impacto no neo-realismo português e in-

fluenciou gerações de escritores na África. O substrato linguístico africano e ameríndio (...) o romantismo e lirismo, que temperavam o realismo social de romances, como os de Jorge Amado, prendiam a imaginação dos escritores africanos... Os intelectuais, nas colônias isoladas (...), viam o Brasil (...) e conseguiam identificar-se com símbolos étnicos e culturais. Tal identificação dava ímpeto à reivindicação cultural na base de solidariedade com o espírito de independência e renascença no Brasil..." (In *Literatura Africana: Literatura Necessária*, 1981).

Essa convergência dos livros do escritor baiano com a luta do povo africano pela independência se tornará tão profunda que seus escritos foram sistematicamente censurados nos países colonizados e o autor de *Jubiabá*, proibido pelo salazarismo de entrar em Portugal, durante o colonialismo. "A linguagem do romancista Jorge Amado, por exemplo, sublinha Gilberto Freyre, também muito influente em África, como outros autores, sobre os quais falaremos em novos artigos, tem, hoje, imitadores entre jovens de Cabo Verde, da África, Portuguesa, do próprio Portugal" (In *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, s.d.). Nos centros universitários de Coimbra e Lisboa - onde foi criada a célebre Casa dos Estudantes do Império (1945-65), da qual surgiram os intelectuais mais significativos e importantes manifestações literárias da África moderna - tomava-se conhecimento da literatura brasileira revolucionária. Segundo o historiador angolano Carlos Ervedosa: "Eles sabiam muito bem o que fora o Movimento Modernista Brasileiro de 1922 e tinham assimilado a lição dos seus escritores mais representativos como Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Lins do Rego e Jorge Amado. A influência destes escritores é importante no despertar da nova poesia e ficção angolanas" (In *Breve Resenha Histórica da Literatura Angolana*, 1973). De fato, o poeta angolano Maurício Gomes bradou: "Ribeiro Couto e Manuel Bandeira Poetas do Brasil, do Brasil nosso irmão Disseram: é preciso criar a poesia brasileira (...) Angola grita pela minha voz pedindo a seus filhos novas poesia" (In *Antologia de Poesia Angolana*, 1959). E o poeta Mário Antônio, também angolano, diz em Canto de Farra (1962): "Quando li Jubiabá, me cri Antônio Balduino (...) Sou Antônio Balduino".

Em Moçambique, a influência amadiana atinge a problemática racial, mais nítida do que em outros países africanos lusófonos. O poeta M.F. de M. Coutinho, nascido em Portugal, mas radicado neste País, diante do impasse enfrentado por muitos autores de origem européia na questão da cor da pele ("E poder amigo chamar-te irmão na tua dor já que não o posso ser na mesma cor", In *Poesia em Moçambique*, de Vitor Matos e Sá), encontra em Jorge Amado as raízes profundas para a ultrapassagem do problema.

"Conheci, hoje, o negro que há em mim./ E que vive no meu peito ignora-do./ Sob uma pele branca de europeu./ Aquele negro que se dá ao Jorge Amado./ E hoje se me deu (...)" (In *Direito de Cantar*, 1957).

Afinal, em Cabo Verde, o romancista baiano é tido como principal autor na influência de seus mais expressivos escritores, tais como Baltasar Lopes, autor de *Chiquinbo* (1947); M. Lopes, de *Frage-lados do Vento Norte* (1960); Luís Romano, de *Famintos* (1960) e, principalmente, o romancista Manuel Ferreira, autor de *Hora di Bai* (1962), considerado pela crítica italiana, A.P. Miciele uma imitação de *Gabriela Cravo e Canela*: "O elemento 'folks', que se insere ao longo de todo romance, traz à memória do leitor certa produção amadiana e, sobretudo, aquela Gabriela, cujo perfume de cravo e canela recorda o cheiro de pó-de-arroz e de óleo-de-ricino dos cabelos de Cidinha. Também o uso de termos da cozinha local (...) alcança uma dimensão literária, revelando uma clara exaltação da tradição popular, que encontramos também na maior parte das obras de Jorge Amado e que é entendido como elemento de transmissão do patrimônio cultural" (In *África*, n. 6, 1979).

Gramiro de Matos nasceu em Iguai, Bahia. Publicou "Urubu-Rei"; "Os Morcegos estão comendo os mamões maduros"; "A Conspiração dos Búzios"; "Antologia da Novíssima Poesia Brasileira".



Visitantes de todas as
partes do país, e
também do estrangeiro,
vêm atualmente à
Cidade, sobretudo no

SONIA COUTINHO

verão. Muito breve,
decerto, irão consumir
todo o seu mistério,
cada beco com
calçamento antigo e
casarão colonial estará
numerado e vendido a
olhares profanos.

Já o surto recente da industrialização, junto com o afluxo
turístico, provocou a construção de número crescente de
edifícios novos, alguns com mais de trinta andares. E quem se
aproxima por mar já não avista mais, lá do meio da baía, como
há poucos anos, a nítida linha
das casas coloniais
recortada contra o céu
azul-turquesa.

Rebrilhante, sob o sol
alucinado, o branco das
fachadas de aço e vidro
começa a implantar na Cidade um
montanhoso deserto, território de
áridos clarões a anunciar uma era
sem árvores e sem sombras.

Mas, por enquanto, a
luminosidade cegante conserva
ainda seu outro lado, áreas
escuras por trás do

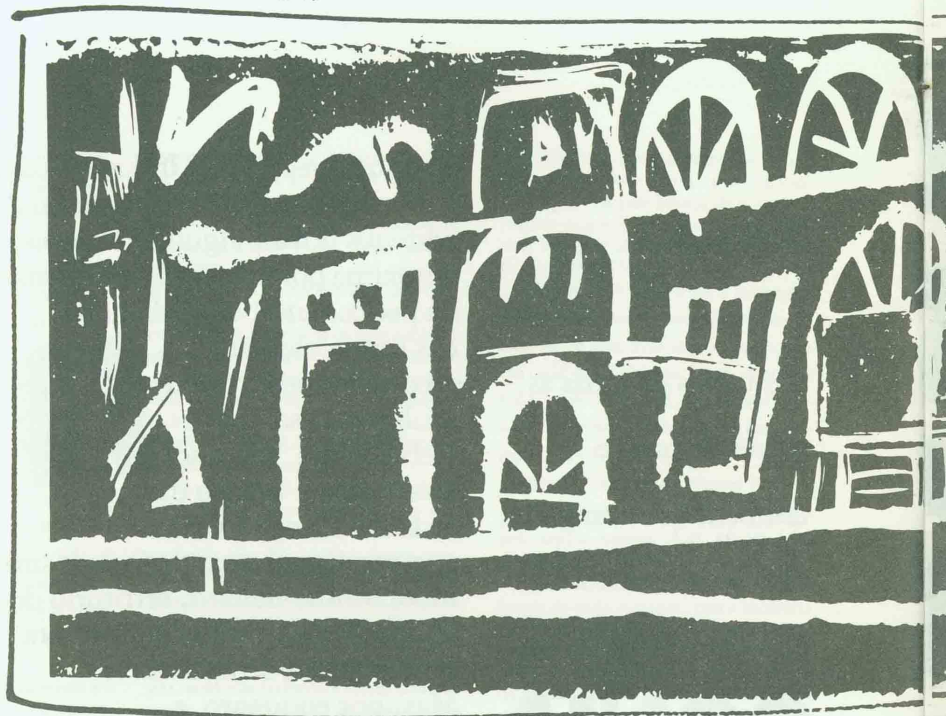
clarão, qual manchas a
dominarem o campo visual de
quem, por certo período, fixasse
a vista num ponto de luz
incessante.

A caminho da nudez definitiva,
rapidamente sendo descarnada
para se tornar, quem sabe, mais uma ossada
alvejante no barro seco do Nordeste, a Cidade
conserva não obstante os seus
segredos. Os filhos da noite não abandonaram os refúgios.

(E essa mesma luz dourada continuará a envolver todas as coisas num manto
imaterial, todo fim de tarde, enquanto o mar, encontrado em cada esquina,
avistado de qualquer janela, penetrado por corpos ardentes ao longo de praias
intermináveis, falará ainda de viagens de sonho).

*Sônia Coutinho nasceu em Itabuna,
Bahia. Publicou "Do Herói Inútil";
"Nascimento de uma Mulher";
"Uma Certa Felicidade"; "Os
Venenos de Lucrecia"; "O Jogo de
Ifá"; e "O Último Verão de
Copacabana".*

LA LUMIÈRE D



A LUMINOSIDADE

Dans Bahia la claire
sur une place ovale bosselée de pavés
devant le porche d'une église baroque
j'ai vu deux jeunes gens

étoiles de mer ou astres noirs
faire la roue sous le soleil

Capoeira

parade amoureuse et guerrière
au son de l'arc Birimbau
Ils dansent devant les dents
du soleil-crinère
à la gueule ouverte

Bahia légère

Près des murs blancs d'une ancienne prison
J'ai vu des adolescents

turbulents papillons
se disputer un ballon
sous le feu de joie
d'un flamboyant

Bahia la nier

est un vol de lumière
bleu sous le ciel
où les hommes se penchent

pêcheurs noirs sur les rochers noirs
pêcheurs aux maillots de couleur
à longueur de journée
qui lancent et relancent leur ligne
près de la bouche des égouts
où le poisson pullule

Bahia misère

aux enfants pétillants et fiers
feux follets rieurs
Ils posent pour la photo
offrent un sourire d'ange
se déhanchent comme des stars
et demandent leur pourboire

Bahia misère

Des hommes sont assis sur le pas de leurs porte
belles mécaniques
huilées et inutiles
comme panthères noires
tournant dans une cage

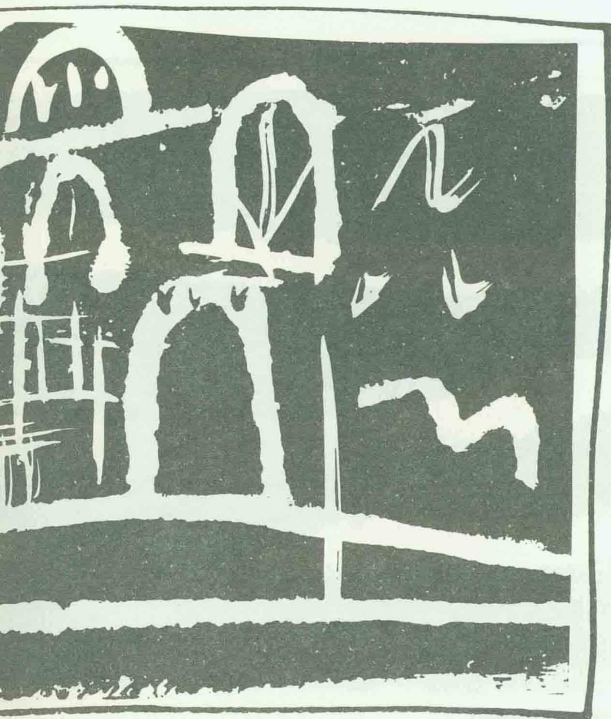
Bahia le mère et l'orpheline

Bahia la douce et la cruelle

Une vieille dans la rue
qui dansait sur le trottoir

Na clara Bahia/sobre
uma praça oval ondulada,
de pedras/em frente ao
portal de uma igreja bar-
roca/vi dois jovens/estre-
las do mar ou astros ne-
gros/fazerem roda sob o
sol/Capoeira/parada.
amorosa e guerreira/ao
som do Berimbau/Eles
dançam em frente aos
dentes/da juba solar/com
a boca aberta/Bahia leve/
Junto às paredes bran-
cas de uma antiga pri-
são/Vi adolescentes/tur-
bulentas borboletas/dis-
putarem uma bola/sob o
fogo da alegria/de um
flamboian/Bahia o mar/é
um vôo de luz/azul sob o
céu/onde os homens se
inclinam/pescadores ne-
gros sobre os rochedos
negros/pescadores com
calções coloridos/duran-
te todo dia/que lançam e
relançam suas linhas/
junto a uma boca de esgo-
tos/onde o peixe pula/

E BAHIA



DA BAHIA

Tradução Zilah Azevedo

m'a attrapé par le bras
et dans la bouche incarnadine
de la ville sur le port
j'ai vu l'or et la carie

Dans Bahia je suis passé comme un poisson volant
une étoile filante invisible en plein jour
et j'ai fait moisson du sable fin des rêves

Les femmes de Bahia ont des airs d'orchidées
qui pousseront sauvages dans la chaleur des rues

Filles de café et de cacao
à l'arôme robuste et doux
lait de coco
et mangue fraîche
sueur et cannelle
aigüe marine et malachite

Les femmes de Bahia portent le poids du jour
Les filles de Bahia vite deviennent femmes

Celle qui m'a noué
autour du poignet

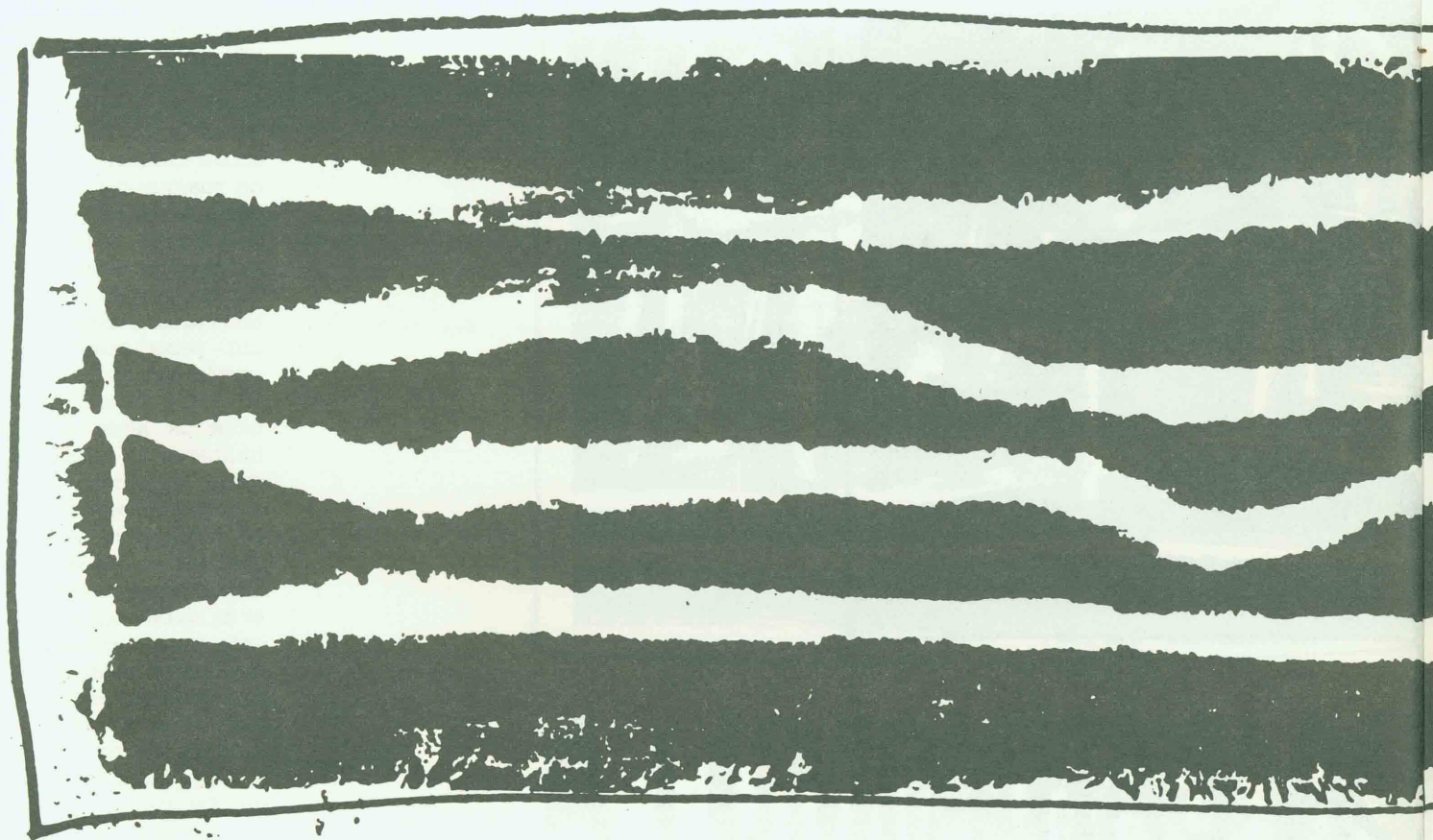
le ruban bleu des vœux
du Senhor do Bonfim
avait quinze ans peut-être
une blondeur de fresque
dans une église ancienne
et un air de défi

Bahia

les dieux sont parmi nous
Oxossi le chasseur
est un jeune vendeur de café sur le port
Exu le très malin
exhibe son sexe
et sème la pagaie parmi les lavandières
Yemanjá l'aquatique
déesse de la mer
qui règne sur Bahia
habite une masure
à côté d'une église
sur un quai de la ville
Xango le forgeron
près du marché couvert
de sa machette claire
découpe le poisson

Bahia miséria/de crianças orgulhosas e chelas de si/fogos-fátuos risinhos/Fazem pose para a foto/oferecem seus sorrisos de anjo/rebolam-se como artistas/e pedem suas gorjetas/Bahia miséria/Homens sentados no degrau de suas portas/belas ferragens/lubrificadas e inúteis/como panteras negras/roncando numa jaula/Bahia a mãe e a órfã/Bahia a doce e a cruel/Uma velha na rua/que dançava sobre a calçada/me pegou pelo braço/e na boca encarnada/da cidade sobre o porto/vi o ouro e a carie/Na Bahia passei como um peixe voador/uma estrela cadente invisível em pleno dia/e colhi sonhos da areia fina/As mulheres da Bahia são como orquídeas / que selvagens cresceriam no calor das ruas/Filhas do café e do cacau/com aroma robusto e doce/leite de coco/e manga fresca/suor e canela/água marinha e malaguita/As mulheres da Bahia levam o peso do dia/As jovens da Bahia logo se tornam mulheres/Aquela que me enlaçou/talvez quinze anos/dourada como um afresco/numa igreja antiga/e um ar de desafio/Bahia/os deuses estão entre nós/Oxossi o caçador/é um jovem vendedor de café no porto/Exu o malandrão/exibe seu sexo/e semeia a bagunça entre as lavadeiras/Yemanjá a aquática/deusa do mar/que reina na Bahia/mora num casebre/ao lado de uma igreja/num cais da cidade/Xangô o ferreiro/junto do mercado coberito/com seu machado claro/corta o peixe/Aqui os deuses/que foram por muito tempo condenados à noite/se misturam a multidão/Eles participam de suas festas/suas penas e suas lutas/Eles respiram seu ar/forte com um odor de urina/na tepidez da tarde/com perfume de azeite de dendê/de acarajés/e de frutas amassadas/ sacrificadas sem dúvida em oferenda ao sol/Bahia esplendor de vestidos de renda/e colares de pedras/Bahia a





Ici les dieux
qui furent trop longtemps condamnés à la nuit
se mêlent à la foule
Ils partagent ses fêtes
ses peines et ses luttes
Ils respirent son air

fort d'une odeur d'urine
dans la tiédeur du soir
d'un parfum d'huile de palme
de beignets d'acarajé
et de fruits écrasés
sacrifiés sans doute en offrande au soleil

Bahia splendeur aux robes de dentelles
et aux colliers de pierres

Bahia la trouble
la fille du ruisseau
la ville à la moiteur d'aisselle

Ici la terre est un gâteau de sang
léger et fondant
elle respire et gonfle de désir
et invente partout
des explosions de collines roses
plantées d'un désordre de maisons

qui ont poussé là où l'alizée les a somées
douces maisons de sueur
pauvres maisons qui chantent
de toutes leurs couleurs

Ce sont les gens du peuple qui rendent la ville belle

Ici la terre est généreuse
et les hommes sont pauvres

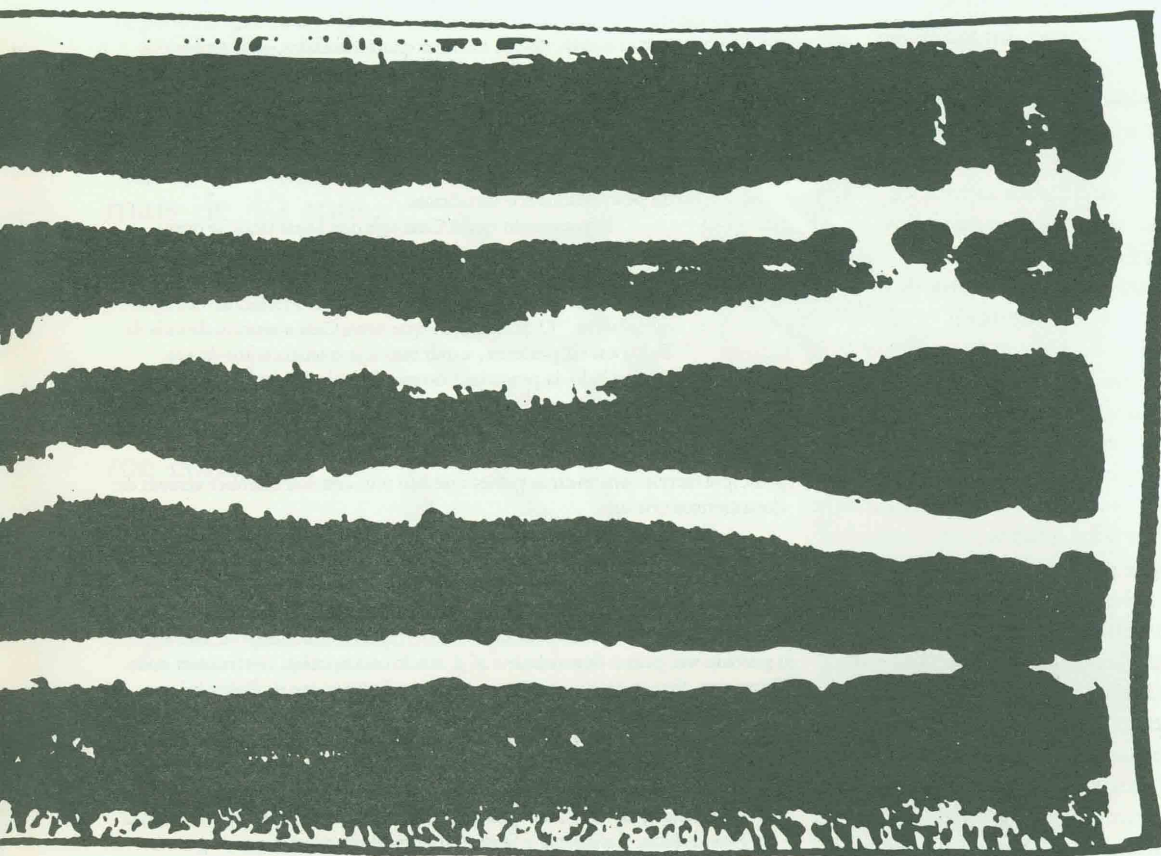
Vers l'hypermarché
par dessus la colline
j'ai vu
planer l'urubu

le vautour aux pieds rouges
Le vent du large est d'une haleine tiède
il se prélassé
et passe ses doigts de transparence
dans les cheveux des cocotiers

L'homme est fait pour la femme
la femme pour l'amour
et l'amour est pour tous
dit le palmier
sur sa montagne verte

pertubadora/a filha do
riacho/a cidade do suor/
Aqui a terra é um doce de
sangue/leve e derretido/
ela respira e se enche de
desejo/e inventa em toda
parte/explosões de coli-
nas rosas / plantadas
numa desordem de ca-
sas/que cresceram lá
onde o aliseo as semeou/
doces casas/de suor/po-
dres casas que cantam/
de todas as suas cores/É o
povo que torna a cidade
bonita/Aqui a terra é
generosa/e os homens
são pobres/Na direção do
hiper-mercado/acima da
colina / vi / plainar um
urubu/o abutre dos pés
vermelhos/O vento do
largo tem um hálito mor-
no/ele se respira/e passa
seus dedos transparen-
tes/nos cabelos dos co-
queiros/O homem é feito
para a mulher/a mulher
para o amor/e o amor é
para todos/diz a palmei-





Le désir d'aimer est cavale d'écume
qui franchit l'océan
des rivages d'Afrique
aux plages de Bahia

et là bas vers le nord
vers où la mer se courbe
vers Cuba l'île soeur
crocodile amical
qui veille dans les eaux
des douces Caraïbes

Dans le port des enfants
plongent en riant
et sur la plage
vers la fin du jour
des nègres boivent de la bière
et tapent sur des tambours

Dans le hall de l'hôtel, quand commence la musique
frémissent les plantes vertes
se trémoussent les caoutchouc

Dans l'entrée
des garçons de la savane
emportent les bagages
et des filles

fleurs d'hibiscus
font un parterre
à des hommes d'affaires

Plongé dans l'eau de la piscine, je regarde les étoiles
dans le ciel noir des Tropiques
Je flotte, allongé sur le dos, phosphores cent comme un
banc de plancton dans la mer sous la lune
En état d'apesanteur dans mon bassin turquoise
j'expérimente
le silence...

Au dessus de moi, l'hôtel, avec ses trente étages de
blanche
est une rampe de lancement
vers quelle planète?...

Je devine la présence dans l'ombre de gros crabes qui
montent

de la mer se cacher sous les rochers
Ils craignent une tempête qui ne s'annonce pas

Dans l'avion du retour
vu du ciel de la nuit
Bahia
est un collier de verre
au cou d'une négresse reine.

ra/em sua montanha
verde/O desejo de amor é
égua de esperma/que
atravessa o oceano/das
margens da África/as
praias da Bahia/e lá lon-
ge para o norte/lá onde o
mar se curva/em direção
de Cuba a ilha irmã/cro-
codilo amigável/que vela
nas águas/das doces
Caraïbas/No porto crian-
ças/mergulham rindo/e
na praia/por volta do fim
do dia/pretos bebem cer-
veja/e tocam tambores/
No hall do hotel, quando
começa a música/tre-
mem as plantas verdes/
estremece o piso de bor-
racha/Na entrada/car-
regadores/ levam as ba-
gagens/e jovens/flores de
hibiscos/formam um ta-
pete/para os homens de
negócio/Mergulhado na
água da piscina, olho as
estrelas/no céu escuro
dos trópicos/Flutuo, dei-
tado de costas, fosfore-
cendo como um/monte
de planctons no mar sob
a lua/Em estado de letar-
gia em minha bacia tur-
quesa/experimento/o si-
lêncio.../Acima de mim, o
hotel, com seus trinta
andares brancos/é uma
rampa de lançamento/
em direção a que plane-
ta?.../Advinho a presen-
ça na sombra de grandes
caranguejos que sobem/
do mar se escondem sob
rochedos/Eles temem
uma tempestade que não
se anuncia/No avião de
volta/vista do céu da
noite/Bahia/é um colar
de vidro/no pescoço de
uma rainha negra/.

Francis Combes é francês.
Publicou "Apprentis du
Printemps"; "L'Amour, La
Marguerite et L'Ordinateur".

Sérgio Rabinovitz nasceu em
Salvador, Bahia. Desenhista,
pintor, gravador, realizou
várias individuais no Brasil e
no exterior.



SE FOR DE PAZ PODE ENTRAR

Entidade privada, de caráter cultural, sem fins lucrativos, a Fundação Casa de Jorge Amado foi inaugurada no dia 7 de março deste ano.

Aberta aos ventos da convivência e à visitação de quantos quiserem conhecer e avaliar a importância de uma obra calcada no amor à sua gente e na profunda compreensão dos valores culturais de sua terra, no Largo do Pelourinho, mais precisamente nas casa de número 49 e 51 da Rua Alfredo Brito, bem no coração da velha Cidade do Salvador, em majestoso conjunto arquitetônico, com suas múltiplas janelas e seus beirais graciosos, ergue-se a Casa de Jorge Amado.

Idealizada e instituída com o intuito de preservar e divulgar o trabalho do grande romancista e, por extensão, a arte e a cultura baiana em todas as suas manifestações, a Casa de Jorge Amado, mantida pela Fundação que leva o mesmo nome, abriga em seus quatro andares, uma exposição permanente do acervo do escritor, constituída de várias edições de seus livros, as traduções em 60 países e 47 idiomas, extensa coleção de fotografias, filmes, vídeos, cartazes e objetos relacionados ou inspirados no autor ou em sua obra, além de arquivos contendo cartas e documentos, farto material à disposição de pesquisadores e estudiosos.

Expressando que a Casa seja um lugar onde se possa estudar a literatura brasileira e a baiana, Jorge Amado diz do seu desejo de não a querer como coisa morta, fria, mas ligada ao povo de sua terra, que é a quem deve todo o trabalho romanesco que realiza. "O que desejo é que nesta Casa o sentido de vida da Bahia esteja presente, e que isso seja o sentimento da sua existência. Que, ao lado da pesquisa e do estudo, seja um local de encontro, de intercâmbio cultural entre a Bahia e todos os outros lugares". Quanto a este último dado, é objetivo da Fundação trabalhar com as entidades daqui e de fora conjuntamente, a Casa agindo numa estreita relação cultural, principalmente com muitos países que não tem um intercâmbio através de documentos oficiais.

Relatando a criação da Casa, lembra Jorge: "Em realidade fui descuidado em relação a arquivos. Guardei algumas coisas importantes, mas fui vítima duas vezes da destruição destes documentos. Em 36, a Polícia invadiu o apartamento no Rio e levou uma quantidade imensa de livros, e o que tinha guardado de correspondência. Depois, em 48, o partido vai para a ilegalidade e aí já tendo muita coisa, destruíram tudo. Desta vez, foram coisas preciosas. Após estabelecer-me na Bahia foi que comecei a guardar novamente. Em 80, os portugueses em Lisboa fizeram uma exposição, e para isso contratei uma bibliotecária para ordenar as traduções. Em 81, aqui, e 82, em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Recife, foi realizada a exposição 50 anos de Literatura. A partir disto, a Universidade de São Paulo quis este acervo. Além dela, as Universidades da Pensilvânia, Califórnia e Boston mantiveram contato para a guarda, mas Zélia me fez ver que não deveria todo este material sair do Brasil e da Bahia. A idéia floresceu a partir daí e da obstinação dela tomou desenvolvimento".

Com a sua ata de constituição assinada no dia 2 julho de 1986, a Casa de Jorge Amado foi formada inicialmente pela cota de participação de 25 instituidores. Para o seu funcionamento, além do patrimônio de acervo que abriga e a sede doada pelo Baneb e Governo do Estado, prédio tombado pelo Patrimônio Histórico, recuperado sob a supervisão da Universidade Federal da Bahia, com verbas provenientes da Asplan da Presidência da República e da Fundação Emílio Odebrecht, a Casa de Jorge Amado tem como mantenedores pessoas físicas e jurídicas que se disponham a contribuir com recursos financeiros para o custeio da Fundação ou integração de seu patrimônio.

Sendo uma entidade de caráter privado, sem ligação com o governo, seja ele municipal, estadual e federal, a Casa de Jorge Amado estabelece para o seu funcionamento assinatura de convênios com órgãos governamentais e entidades privadas da Bahia e de qualquer outro lugar, desde que haja interesse entre as partes.

Administrada por um presidente e um diretor-executivo, respectivamente Germano Tabacof e Myriam Fraga, além de um Conselho Curador e Fiscal, a Casa de Jorge Amado tem sua presidência exercida por um membro do Conselho Curador, eleito pela maioria, para um mandato de três anos. A este cabe nomear, com aprovação do Conselho, o diretor-executivo, principal coordenador dos trabalhos e atividades da Casa. Administrativamente a estrutura é informal, com um núcleo básico trabalhando através de projetos e, desta forma, permitindo uma maior agilização e dinamização das atividades.

A Casa de Jorge Amado, desta forma, torna-se um pólo de convergência de várias correntes, um ponto de encontro para cada vez mais vitalizar-se a cultura baiana. A literatura será o centro, mas, além dos aspectos literários, abrangerá outras áreas, através de cursos, palestras, seminários, debates, eventos. Fora isto, a Casa espera estar sendo uma contribuição importante para a revitalização do Centro Histórico de Salvador, por sua atuação na área e sua integração às entidades culturais já existentes".

Um dia, já faz
muito tempo,
mais de 40 anos,
Jorge Amado,
que acabara de
me conhecer, de-
dicou-me uma
página: “Eu te darei um pen-
te pra te pentear/ colar para
teus ombros enfeitar/ rede
pra te embalar/ o céu e o mar
eu vou te dar...” Canto de
amor ou canto de sereia? Pre-
feri acreditar nas juras e
nunca me arrependi.

Canto de amor

A promessa do jovem poeta foi cumprida:

pen-te pra me pen-tear, colar nos
ombros a me enfeitar, rede a me embalar, o
céu, o mar e muito mais: deu-me dois filhos
maravilhosos, deu-me a ventura de estar a seu lado
ao criar seus romances, deu-me estímulo para que eu
escrevesse meu primeiro livro, acreditou em
mim. Ensinou-me a amar a Bahia. Deu-me aulas
de humanidade com exemplos de desprendimento,
modéstia, orgulho, coragem, e humanidade.

Jorge tomou de minha mão e levou-me a
conhecer o mundo. Atravessamos fronteiras,
descortinamos horizontes, singramos mares
encapelados, quase tragados em noite de tormenta por
um tufão no Mar Báltico; embalados em noites mornas
pelas mansas águas do Caribe. Voamos alto, quase ao
infinito, invadimos céus de estranhas constelações;
sobrevoamos cordilheiras e vulcões, atravessamos a densa
Floresta Amazônica. Que susto nos pregou o aviãozinho
soviético no pouso forçado em pleno inverno da Sibéria!
E a outra aterrissagem de emergência, em meio ao
sufocante deserto de Karakun? Redemoinhos de areias
escaldantes, levantadas pela fúria do vento, a queimar
nossa pele...

Conquistamos amigos sem conta, espalhados pelo
mundo afora; os que já morreram permanecem em nossos
corações. Um leão no comando, cabeça alva, Jorge
Amado se despede hoje de seu acervo de quase 60 anos de
presença literária. Material acumulado no dia-a-dia,
guardado com carinho - muitas vezes escondido da sanha
policial a invadir nossa casa -, riqueza incomensurável,
herança que ele oferece em vida à sua amada Bahia, a seu
povo. De hoje em diante, esse acervo estará à disposição
dos estudiosos, no mais belo casarão do Largo do
Pelourinho, cenário de suas histórias, universo de seus
personagens, onde funcionará a partir de amanhã, 7 de
março de 1987, a Fundação Casa de Jorge Amado.

Quanto a nós, estamos mais uma vez de partida, nossos
planos de futuro são enormes.

*Zélia Gattai nasceu em São Paulo. Publicou
“Anarquistas, Graças a Deus”; “Um Chapéu para
Viagem”; e “Senhora Dona do Baile”. O texto
acima foi escrito quando da inauguração da Fun-
dação Casa de Jorge Amado.*



Jorge Amado nasce a 10 de agosto de 1912, numa fazenda de cacau no distrito de Ferradas, município de Itabuna, sul do Estado da Bahia. É filho de Cel. João Amado de Faria e D. Eulália Leal Amado.

Jorge Amado

uma bio-bibliografia

Com um ano de idade vai para Ilhéus, onde passa a infância e cursa as primeiras letras. No Colégio Antônio Vieira e no Ginásio Ypiranga, em Salvador, faz os estudos secundários. adolescência é uma época em que vive livre e misturado com o povo da Bahia, adquirindo então o conhecimento da vida popular que irá marcar fundamentalmente sua obra de romancista. Na Faculdade Nacional de Direito, Rio de Janeiro, torna-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (1935), não tendo, no entanto, jamais exercido a advocacia.

É aos 14 anos de idade, na Bahia, que começa a trabalhar em jornais e a participar da vida literária, sendo um dos fundadores da Academia dos Rebeldes, grupo que, juntamente com os do "Arco & Flexa" e "Samba", desempenhou importante papel na renovação das letras baianas. Comandados por Pinheiro Viegas, participaram da Academia dos Rebeldes, além de Jorge Amado, os escritores João Cordeiro, Dias da Costa, Alves Ribeiro, Edison Carneiro, Sosígenes Costa, Walter da Silveira, Aydan do Couto Ferraz e Clóvis Amorim.

Em 1945, é eleito deputado pelo Estado de São Paulo, sendo um dos integrantes da Assembleia Constituinte (1946), e responsável por várias leis que beneficiaram a cultura. Viveu exilado na Argentina e Uruguai (1941/1942), França (1948/1950), e na Tchecoslováquia (1951/1952).

Eleito em 6 de abril de 1961 para a cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Letras, é também, membro da Academia de Letras da Bahia; membro correspondente da Academia de Ciências e Letras da República Democrática Alemã; membro correspondente da Academia de Ciências de Lisboa; membro correspondente da Academia Paulista de Letras; Obá do Axé do Opô Afonjá na Bahia.

Recebeu os títulos de: Comendador da Ordem de Andrés Bello (Venezuela - 1977); Comendeur de L'Ordre des Arts et des Lettres (França - 1979); Grande Oficial da Ordem de Santiago da Espada (Portugal - 1980); Grande Oficial da Ordem do Mérito da Bahia (Brasil - 1981); Comendeur de La Légion D'Honneur (França - 1983); Comendador da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho (Brasil - 1983); Grande Oficial da Ordem de Rio Branco (Brasil - 1985); Grande Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique (Portugal - 1986).

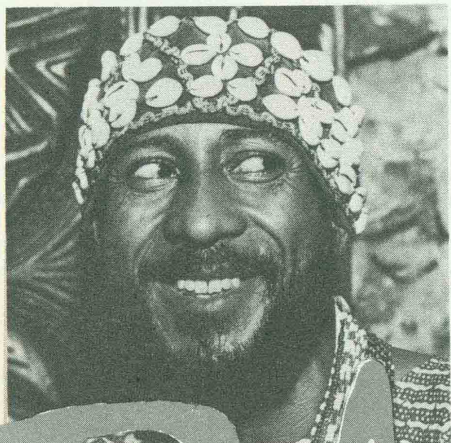
É os seguintes prêmios: Graça Aranha (Rio de Janeiro, Br. 1936); Stalin da Paz - posteriormente Prêmio Internacional Lenin (Moscou - 1951); Machado de Assis (Rio de Janeiro, Br. 1959); Paula Britto (Rio de Janeiro, Br. 1959); Luisa Claudio de Souza (Rio de Janeiro, Br. 1959); Carmen Dolores Barbosa (São Paulo, Br. 1959); Jabuti (São Paulo, Br. 1959); Troféu Juca Pato (São Paulo, Br. 1970); da Latinidade (Paris, 1971); Instituto Italo-Latino-Americano (Roma, 1976); Brasília de Literatura (Brasília, Br. 1983); Moinho Santista (São Paulo, Br. 1984); BNB de Literatura (Ceará, Br. 1985).

Jorge Amado é casado com Zélia Gattai Amado (autora de "Anarquista, Graças a Deus"; "Um Chapéu para Viagem"; "Senhora Dona do Baile"), e tem dois filhos: João Jorge, sociólogo e autor de peças para teatro infantil, e Paloma, psicóloga. É irmão do médico neuro-pediatra Joelson Amado e do escritor James Amado.



- 01 - O PAÍS DO CARNAVAL (1931) - Romance/ 02 - CACAU (1933) - Romance/ 03 - SUOR (1934) - Romance/ 04 - JUBIA-BÁ (1935) - Romance/ 05 - MORTO (1936) - Romance/ 06 - CAPITÃES DA AREIA (1937) - Romance/ 07 - A ESTRADA DO MAR (1938) - Poesia/ 08 - ABC DE CASTRO ALVES (1941) - Biografia/ 09 - O CAVALEIRO DA ESPERANÇA (1942) - Biografia/ 10 - TERRAS DO SEM FIM (1943) - Romance/ 11 - SÃO JORGE DOS ILHÉUS (1944) - Romance/ 12 - BAHIA DE TODOS OS SANTOS (1945) - Guia da Cidade do Salvador/ 13 - SEARA VERMELHA (1946) - Romance/ 14 - O AMOR DO SOLDADO (1947) - Teatro/ 15 - MUNDO DA PAZ (1953) - Viagens/ 16 - OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE (1954) - Romance I - Os Asperos Tempos II - Agonia da Noite III - A Luz do Túnel/ 17 - GABRIELA CRAVO E CANELA (1958) - Romance/ 18 - A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA (1960) - Romance/ 19 - OS VELHOS MARINHEIROS ou O CAPITÃO DE LONGO CURSO (1961) - Romance/ 20 - OS PASTORES DA NOITE (1964) - Romance/ 21 - DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS (1966) - Romance/ 22 - TENDA DOS MILAGRES (1969) - Romance/ 23 - TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA (1972) - Romance/ 24 - O GATO MALHADO E A ANDORINHA SINHA (1975) - Historieta/ 25 - TIETA DO AGRESTE (1977) - Romance/ 26 - FARDA FARDÃO CAMISOLA DE DORMIR (1979) - Romance/ 27 - O MENINO GRAPIÚNA (1981) - Biografia/ 28 - A BOLA E O GOLEIRO (1984) Historieta/ 29 - TOCAIA GRANDE (1984) - Romance

Rosane Rubim,
do Departamento de Pesquisa
Fundação Casa de Jorge Amado



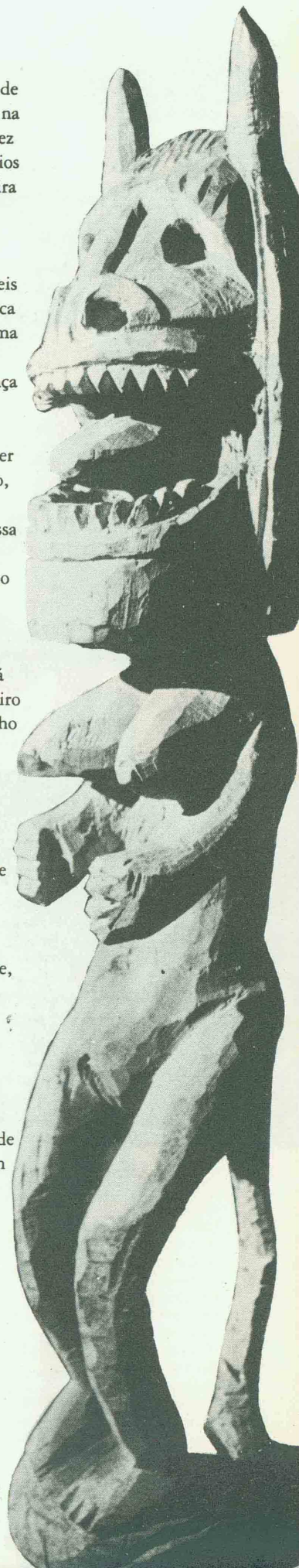
Mas o que encontraremos? Quem quer que o visite, além de conhecer um dos artistas do povo que vive de seu trabalho, na certa irá admirar sua arte feita em madeira. Palito desde os dez anos, quando começou a frequentar o Liceu de Artes e Ofícios fazendo objetos e restauração de peças sacras, retira da madeira a sua arte, criação que apresentando-se sob a denominação, seja de máscaras, esculturas e talhas, nos relaciona com a antiga África, os tótems usados primitivamente nas aldeias quando dos rituais de canto e dança, figuras de orixás, seus reis e rainhas, escravos e mensageiros, imagens da religião católica como guerreiros, dançarinos que chama de Zulus, ou peças decorativas como cinzeiros, figas, até a presença de móveis.

Falando sobre o seu trabalho, Palito ressalva ser todo ele nascido de dentro, do que vê e do pouco de África que ficou nele, e passa a discorrer sobre o ato em si.

“As esculturas são troncos. Eu mesmo vou para o mato e corto. São jaqueiras,

pau-pombo, genipapeiro, siriguela, eucalipto, são gonçalinho. Derrubo com facão, lavro, que é limpar, com machado e enxó. Depois, esculpo sem desenho. Este já faço com a própria ferramenta. Já as talhas, a madeira, ou tiro do mato ou compro em serraria. Mas, seja como for, aparelho na mão e faço o desenho com carvão, marcando com uma ferramenta chamada cacumbú, além de goivas e formões, afiadas na pedra, algumas tiradas da própria ladeira do Pelourinho, tenho que dizer porque esmeril está muito caro. São pedras de cor negra. Daí em diante dou o relevo. Quando está pronta, pinto com sumo de folhas que trago de Nazaré das Farinhas e finalizo com cera de carnaúba para dar brilho”.

Com a arte de Palito experimenta-se a sensação de um passado colonial e a atualidade de uma Bahia, cidade grande, metrópole, significativa em um artesanal que sobrevive suplantando as dificuldades que a própria vida coloca para a criação, divulgação e comercialização dos trabalhos, itens que prejudicam não somente a produção mas o lado social de uma área como o Pelourinho, preocupação que o artista acrescenta ao falar da existência da Associação de Artistas Plásticos Populares do Centro Histórico de Salvador, entidade criada para defender os interesses de tantos que aí trabalham e que procuram dar uma dimensão de mudança social, oferecendo gratuitamente aulas para que as crianças do Pelourinho e Maciel iniciem um ofício, um trabalho, uma arte de força e beleza, uma arte da Bahia, como a dele, Palito.



No dia 20 de maio deste ano, em Lyon, França, Jorge Amado foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa da Université Lumière Lyon II. Quando da ocasião, o escritor proferiu o seguinte discurso de agradecimento:

Obrigado, de todo coração pela grande honra que me concede vossa ilustre Universidade fazendo-me Doutor Honoris Causa e acolhendo-me entre seus eméritos professores que, responsáveis pela cultura desta cidade de Lyon, são construtores da grandeza da França. Aprendi, em minha juventude, nos bancos do colégio e em contato com o meu povo, que a grandeza da França nasce do amor pela cultura e pela liberdade.

Para nós, brasileiros, ao longo de nossa história, em nossa difícil caminhada da colônia portuguesa à Independência, conquistada de revoltas em revoltas, do tráfico dos escravos à Abolição da Escravatura, conquistada pela voz dos poetas e pela ação libertária dos patriotas, a França foi o farol que iluminou nossa estrada de lutas e de vitórias, na construção de nossa nação mestiça, livre, forjada nos trópicos da mistura de raças, de sangue e de culturas. O pensamento dos enciclopedistas, os ideais da Revolução Francesa iluminaram o caminho percorrido pelo povo brasileiro, desde a Conspiração da Inconfidência Mineira, no século XVIII. Sábios e

imenso leito de amor onde as raças se cruzaram, e misturaram, núpcias de brancos, de pretos e de índios e foi neste casamento de povos que nasceu a nação brasileira e sua civilização mestiça. Aprendi nas Universidades da vida, que para o problema racial não existe outra solução fora da mistura das raças, dos sangue e das culturas. Todas as outras, quaisquer que sejam, conduzem inexoravelmente ao racismo. É a verdade que o Brasil proclama e demonstra.

Sou ligado à França desde minha primeira juventude pela leitura apaixonada de seus poetas e de seus romancistas, tornei-me um amigo devotado do povo francês quando vivi em Paris nos anos do pós-guerra. Costumo dizer que levo o Brasil comigo onde quer que me encontre. Posso acrescentar que qualquer que seja o lugar onde me encontre, meu amor pela França sempre me acompanha.

Assim, agradecendo-vos pela honra insigne que me concedeis, desejo oferecer esta homenagem ao povo brasileiro, a quem devo tudo o que sou e tudo o que me foi dado realizar na obra de criação literária que ele me inspirou.

Mais uma vez, obrigado de todo coração.

REGISTRO

Tendo como tema "Jorge Amado na Perspectiva Literária e Política", a Profa. Ana Rosa Ramos, autora da tese "Le Monde Romanesque de Jorge Amado: modèles étrangers et thèmes Nationaux", pela Université Sorbonne Nouvelle-Paris III, inaugurou durante o mês de junho o ciclo de cursos promovidos pela Fundação Casa de Jorge Amado.

Em agosto, realizou-se o I Seminário de Literatura Oral, Popular e Tradicional, com as Profas. Tania Penido, Edilene Mattos, Doralice Xavier Alcoforado e Maria del Rosario Alban onde a partir do enfoque da tradição como veículo transmissor de cultura, abordou-se o processo da oralidade e a problemática da recriação, o jogo intertextual da escritura de Jorge Amado e os folhetos de cordel, o conto de encantamento e a penetração e variantes do romanceiro ibérico na Bahia.

Durante este tempo de suas atividades, a Fundação Casa de Jorge Amado realizou promoções conjuntas como o ciclo de palestras sobre o índio, de 13 de maio a 22 de junho, com a Fundação Gregório de Matos; a palestra do escritor Michel Tournier, prêmio Goncourt/1970, abordando a "Profissão: Contista", dia 24 de agosto, com a Aliança Francesa.

Como colaboração, cedeu o espaço para palestras do Prógema, negociantes de pedras preciosas da área do Pelourinho, em julho, e para as reuniões preparatórias do Ministério da Cultura e Instituições e Entidades Culturais do Estado da Bahia para progra-

mação do Centenário da Abolição.

De 28 de setembro a 2 de outubro a Fundação Casa de Jorge Amado promoveu o Seminário "50 anos de Capitães da Areia", romance de Jorge Amado que aborda a vida de menores abandonados, vivendo no cais da Bahia, que perambulando pela cidade cometem pequenos furtos para conseguir alimento e dinheiro para sua sobrevivência.

Obra que de imediato causou forte impressão junto ao público já tendo sido traduzida para 12 idiomas, adaptada várias vezes para teatro, para o cinema, e estando em sua 64ª edição brasileira, "Capitães da Areia" foi abordado durante o Seminário por dois aspectos: a obra literária e a questão do menor abandonado, em palestras de Dalmo Dallari, Wilson Lins, Nelson Cerqueira, D. Timóteo Amoroso, Paulo Tavares e Maria Helena de Souza Freitas.

Durante o Seminário foi lançado o livro "O Direito à Criança ao Respeito" de Dalmo Dallari e do folheto de cordel "Pedro Bala o chefe dos Capitães da Areia", de Adolfo Moreira Cavalcante, e promovida duas exposições: bibliográfica do acervo do romance e uma mostra fotográfica sobre "Crianças Baianas", com trabalhos de Aristides Alves, Maria Sampaio, Celia Aguiar, Mario Cravo Neto, Manu, Antonio Satunino, Gildo Lima e Adenor Gondim.

Em novembro, dias 11, 12 e 13, a Fundação Casa de Jorge Amado, como preparatório para a IV Bial em São Paulo, promoveu conjuntamente com a Universidade Federal da Bahia e a Fundação Nestlé de Cultura, um Seminário sobre Literatura, abordando três temas: O Imaginário Popular na Literatura Brasileira; O Romance do Nordeste e a Ficção Pós-30; e A Literatura Brasileira no Exterior.

Pelo Centro de Estudos, Setor de Arquivo e Documentação, foram realizadas as seguintes pesquisas: "Jorge Amado, vida e obra", por Ana Rosa Ramos (Ilhéus/Ba) e Ariana Loyola (Salvador/BA), "Jorge Amado na Vida Política Brasileira, por Rees Claus (República Federal da Alemanha), e alunos dos Colégios Anchieta (1º grau) e Teixeira de Freitas (2º grau). Internamente, este setor, classificou fotos, efetuou colagens de recortes e organizou traduções da obra de Jorge Amado.

Durante estes seus seis meses de existência, 15 mil pessoas já visitaram a Fundação Casa de Jorge Amado.

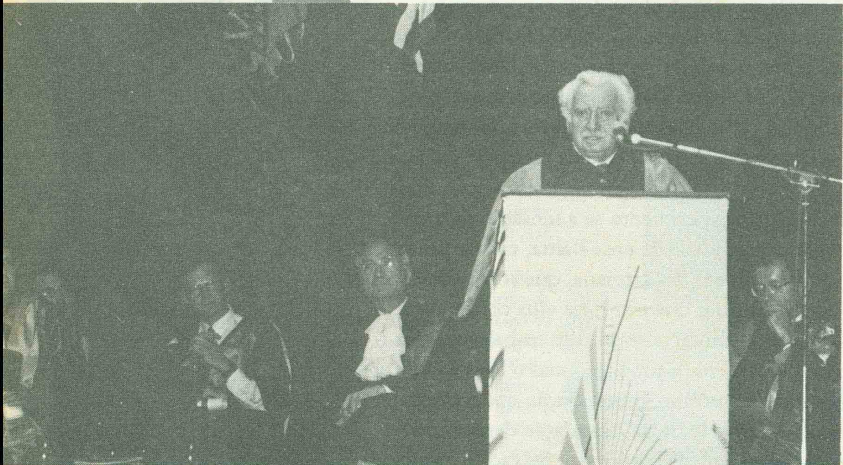
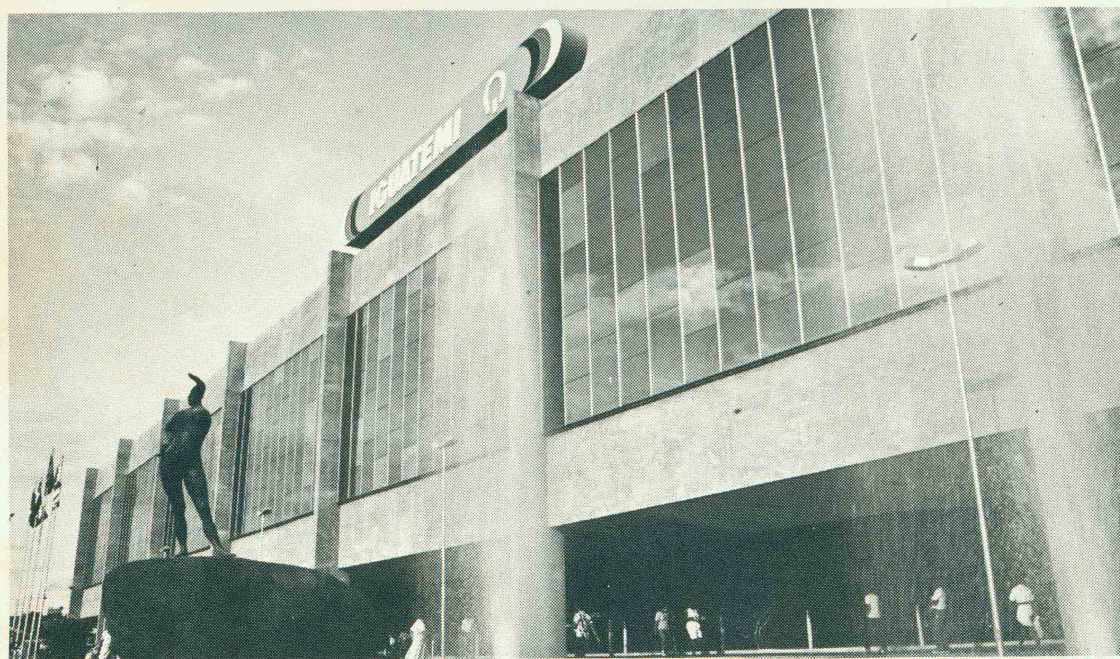


Foto: Zélia Gattai

artistas franceses participaram com um fiel entusiasmo, desde a época colonial, na aventura cultural do Brasil e deram uma contribuição generosa e decisiva à formação de um humanismo brasileiro, repleto de amor e de liberdade.

Um humanismo brasileiro, uma cultura nacional brasileira, uma pátria edificada na luta contra os preconceitos, na denúncia do racismo, no orgulho da mestiçagem: o sincretismo é a chave do nosso enigma, a proclamação de nossa verdade. Nascemos em um

Espaço cultural.



O Iguatemi é cultura.

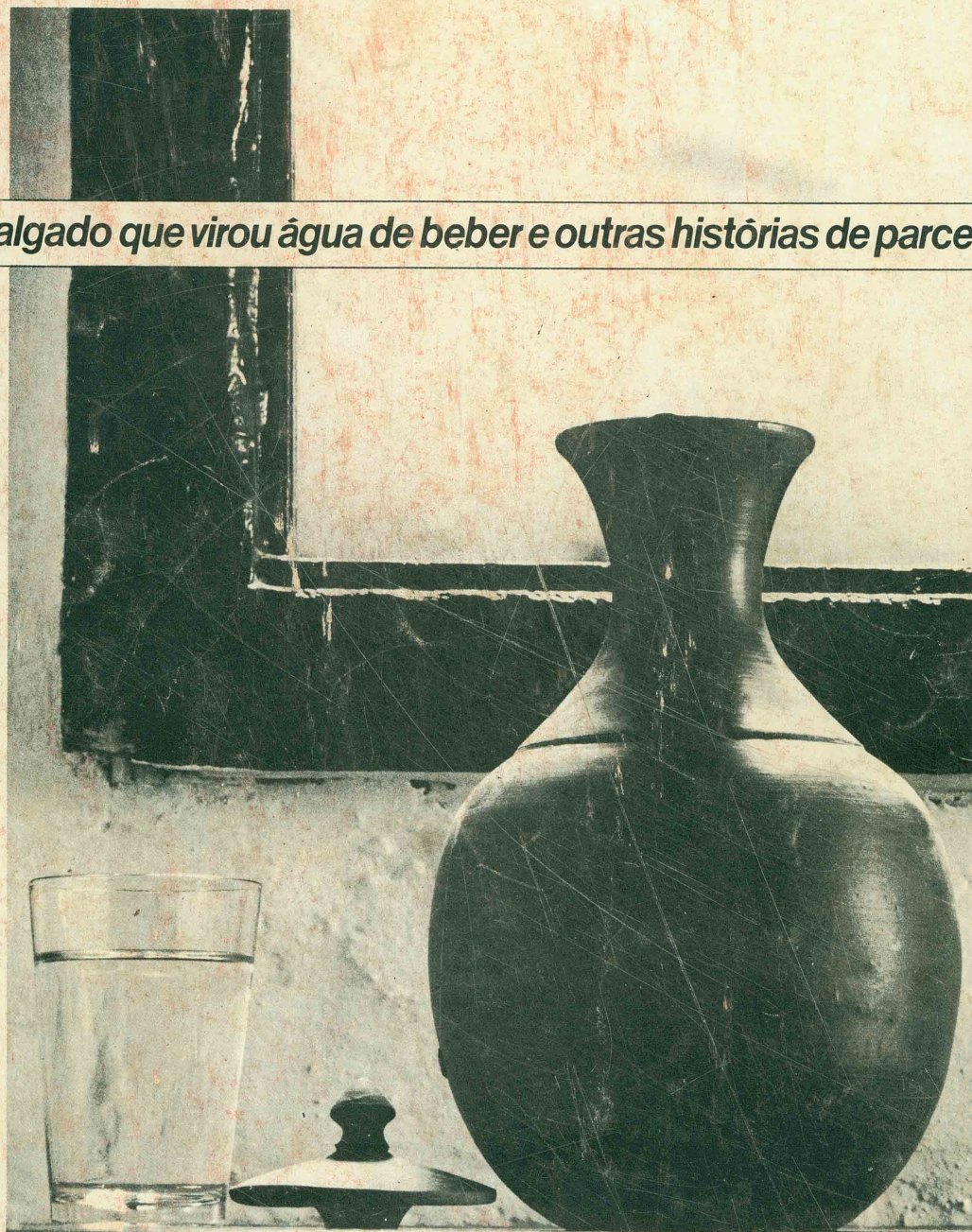
Ela está presente em suas praças e alamedas, que levam o nome dos mais expressivos intelectuais e artistas da Bahia, como Jorge Amado, Dorival Caymmi, Gregório de Mattos, Mário Cravo, Calasans Neto e tantos outros. Lançamentos literários,

exposições, apresentações musicais e todas as manifestações artísticas são realizadas e incentivadas pelo Iguatemi, para quem cultura nunca sai de moda.

IGUATEMI

O Shopping da Bahia

O poço salgado que virou água de beber e outras histórias de parceria da Dow.



Imagine-se no interior da Bahia, em Olho d'Água das Moças, uma pequena vila com duzentos habitantes. Você vai beber água fresca do poço, mas ela é salobra. Vai tomar banho, e toma banho com cristais de sal.

Foi assim até pouco tempo atrás, quando a Companhia de Engenharia Rural da Bahia (CERB) partiu para uma solução-piloto que pudesse ser usada em todo o estado. Na região de Feira de Santana, por exemplo, 60% dos poços têm água salobra.

A Dow entrou em parceria com a CERB para a solução do problema. Foi utilizada uma

unidade dessalinizadora que opera com uma novíssima tecnologia: um processo chamado osmose reversa, que usa membranas semipermeáveis para impedir a passagem dos sais.

Trocando em miúdos, a água hoje é potável, pura, cristalina. A pele não racha mais quando se toma banho. As plantas já podem ser regadas, a saúde das pessoas está naturalmente melhor. Esse é mais um importante exemplo do que uma parceria com a Dow pode fazer.

O assunto é um desafio de tecnologia? O Brasil pode contar com a Dow.



Nosso maior parceiro é a evolução.





PASSAGEM

Camarero Nelly

Calasans Neto

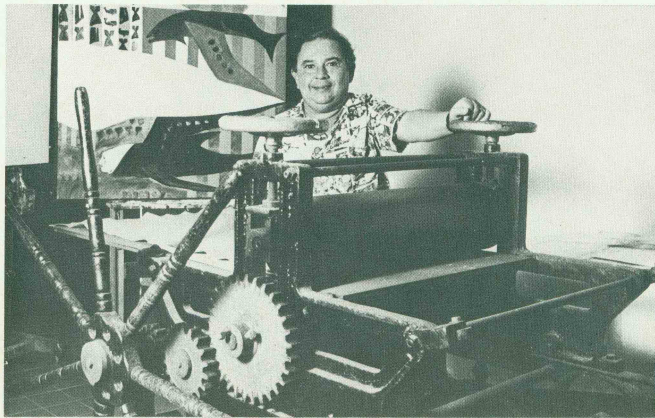
Pintor, gravador, escultor. Ou ainda, editor, ilustrador, artista gráfico. Ou ainda mais: cenógrafo do cinema novo em filmes de Glauber Rocha e Ruy Guerra. Ou ainda muito mais, e para isto tomemos emprestado o que escreve Jorge Amado: mestre Calá, rei de Itapuã.

Era um 11 de novembro, em 1932, em Salvador, cidade da Bahia, às 4:00 horas, no largo de Nazaré, mais precisamente na maternidade Climério de Oliveira, quando nasceu. O nome: José Júlio Geiger de Calasans Neto.

O tempo passou e com ele diversos colégios primários. Com a chegada do ginásio é aluno do 2 de Julho. Mas a importância dessa época vem de dois encontros: um, com Genaro de Carvalho, recém chegado da França, quando este realizava um mural no Hotel da Bahia. "Puxei conversa, mostrei trabalhos, ganhei um convite para utilizar o ateliê. Foi meu primeiro contato com um mundo profissional da arte. Com Genaro não tive nenhum curso. Fui orientado. Era um convívio, e aí chegou a gravura em minha vida".

De Genaro passa a fazer um curso livre com Mário Cravo. Utilizava a sala de gravura da Escola de Belas Artes. Era época do reitor Edgard Santos. Uma época de efervescência cultural na Bahia. Sobre Mário, afirma: "Só vê-lo trabalhar já é uma aula. Mário além de excelente criador, reputo-o, é um dos grandes precursores de uma didática moderna. Ele não tinha a rigidez que tem um professor".

Mas há o outro encontro. Este com um jovem colega do 2 de Julho, um amigo, um irmão: Glauber Rocha. Os sonhos eram muitos e os dois transferem-se para o Colégio da Bahia (o Central). "Eu era amigo de Ana, irmã dele, que morreu muito jovem, e Glauber ficou de herança". No Central, um local mais aberto para o que queriam fazer, acontece um dos fatos mais importantes da sua vida. "A minha chegada no Colégio da Bahia mudou minha vida. As minhas resoluções do que seria na vida. Ali tomei o meu rumo". Ciente dos objetivos realiza como integrante e criador um movimento que renova a arte da Bahia. Com ele, juntos, além de Glauber, Fernando da Rocha Peres e Paulo Gil Soares. E disto surgem a Jogralesca, a Revista Mapa, as Edições Macunaíma, e a deflagração de uma nova poesia baiana, um renascer das artes, o cinema novo. Era década de 50, e no final dela, em Porto Alegre, faz sua primeira individual.



Na Bahia expõe dois anos depois (1958), passando primeiro por Belo Horizonte, uma mostra de gravuras e monotipias.

"Comecei como pintor e escultor. Mas, pintor jovem, numa cidade com vários donos de espaço como pintor, descobri que trabalhando como gravador, com o múltiplo, poderia ter uma maior facilidade de circulação. O meu trabalho podia viajar num país tão grande. Com mobilidade. Esta descoberta surge na mesma época da geração Mapa. Com isto pude ilustrar a revista, os livros. Aliás, este é um ponto que sempre me interessei. Se você faz uma exposição de gravura na parede, você tem um público reduzido. Com o livro, a revista, seus tentáculos atingem um público muito maior. Um público que talvez nunca estraria numa galeria ou museu. Acho que o livro ilustrado é responsável pela preservação e divulgação de uma obra de arte".

Continuando o passeio pelo tempo, um parêntesis para 1964. O Brasil entra num período caótico. Mas não é disto que vamos falar. A revolução para Calasans é verdadeira, é real, é mágica, é mulher, e tem um nome: Auta Rosa. Com ela, o primeiro encontro aconteceu na frente do Teatro Castro Alves, ali funcionava o Museu de Arte Moderna, sob a direção de Lina Bardi, passa a ter o que chama de "sedimentação amorosa", e esta vida de amor em comum continua presente. Fechemos o parêntesis e continuemos com o artista.

A arte ganha novos rumos. Aparecem os álbuns. "Das Cabras". Depois, ilustrações para livros das edições Macunaíma, e em 1973, Tereza Batista Cansada de Guerra. Surgem outros álbuns: "Do Jazz", "Itapuã Sol", "Atlantis", "Pássaros Noturnos do Abaeté", "Lenda do Pássaro que Roubou o

Fogo". Outros livros, entre eles, "A Ilha", de Myriam Fraga, "História Natural de Pablo Neruda", de Vinícius de Moraes, "Tieta do Agreste", de Jorge Amado. E a ilustração ocupa uma parte relevante de sua obra. "O que é importante no trabalho de ilustrar um livro - vou usar o exemplo nos de Jorge Amado - é que temos duas coisas fundamentais: A primeira é que o escritor não dá pal-

píte. A segunda, é que se você examinar o texto de Jorge, ele nunca diz o que é o personagem. Se é gordo, magro, etc. Você não tem subsídios físicos do personagem. Isso fica por conta do leitor. No meu caso, do ilustrador. Assim, você cria o seu tipo, o do sonho, o que você imagina como aquele personagem. São estas coisas que fazem a ilustração ter uma certa autonomia e você se sentir não um ilustrador, mas um parceiro.

Mas Calasans é um artista múltiplo. A crítica considera-o como um mestre da gravura. E sua pintura e escultura (esta ocupando praças da Bahia), toda sua arte ganha mundo. Além do Brasil, norte e sul, andam expostas pela Inglaterra, Portugal, Venezuela, Espanha, França, Estados Unidos. E são muitas as coleções: Museu de Arte da Bahia; Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte da Universidade do Ceará; Pinacoteca Estadual do Rio Grande do Norte; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de Rezende (RJ); Museu Regional de Feira de Santana (Bahia); Museu de Arte Moderna de Lisboa; Jazz Museum of New Orleans (USA); Universidade Estadual da Califórnia (Los Angeles, USA); Departamento de Estado - Secção para a América Latina (Washington, USA); Université Laval-Cité Universitaire (Québec, Canadá).

E agora, José Júlio de Calasans Neto? "Estou dando um caminho novo a uma temática que venho desenvolvendo, a da metamorfose. Agora estou partindo para uma vertente que é a da dualidade do sonho. Pode ser, no fundo, quase o mesmo tema, mas é uma nova vertente, mais perto do sonho do que de uma realidade geográfica. Isto é também uma decorrência do meu retorno para a pintura, volta inicialmente realizada por uma necessidade de reciclar a minha gravura. Esta estava parando nas chamadas soluções técnicas. Com a pintura me envolvi na sedução das cores. Hoje, apesar de mais voltado para a pintura, ganha nova força o gravador".

Texto: Claudius Portugal

